



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**

**JÉSSICA BELUCO VITORETI**

**DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA E EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA  
INTERCULTURAL: (DESA)FIOS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Tubarão

2023

**JÉSSICA BELUCO VITORETI**

**DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA E EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA  
INTERCULTURAL: (DESA)FIOS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Luciane Pandini Simiano, Dra.

Tubarão

2023

V82 Vitoreti, Jéssica Beluco, 1997-  
Documentação pedagógica e educação na perspectiva  
intercultural : (desa)fios no contexto da educação infantil / Jéssica  
Beluco Vitoreti. – 2023.  
90 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Sul de Santa Catarina,  
Pós-graduação em Educação.  
Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciane Pandini Simiano

1. Educação infantil. 2. Documentação pedagógica. 3. Educação  
intercultural. I. Simiano, Luciane Pandini. II. Universidade do Sul de  
Santa Catarina. III. Título.

CDD (21. ed.) 372

**JÉSSICA BELUCO VITORETI**

**“DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA E EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA INTERCULTURAL:  
(DESA)FIOS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL”**

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Educação e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Documento assinado digitalmente  
 **LUCIANE PANDINI SIMIANO**  
Data: 13/12/2023 09:12:30-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Dr.<sup>a</sup> Luciane Pandini Simiano - Presidente da Sessão

*Presente por videoconferência*

---

Dr.<sup>a</sup> Marlene Oliveira dos Santos - Examinadora Externa

*Presente por videoconferência*

---

Dr. André Luís de Souza Lima – Examinador Interno

## AGRADECIMENTOS

A costura desta pesquisa, com todos seus fios, nós, desmanches e novos coseres, foi uma experiência única e incomparável com qualquer outra em minha trajetória na educação. Esta pesquisa só aconteceu porque tive pessoas muito importantes ao meu lado; pessoas que merecem minha gratidão e agradecimento.

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela minha vida e minha saúde. Sem ambos, não seria possível realizar este grande sonho pessoal e profissional.

Agradeço a minha família pelo amor, pelo apoio e pelos ensinamentos da vida; ensinamentos que são grandiosos demais e fazem parte de quem sou hoje. A cada visita sempre se mostraram interessados com a pesquisa e acreditaram em minha capacidade.

Agradeço também ao meu marido Dairon e aos meus ombros amigos, em especial à Ana Paula, aqueles com quem pude confidenciar minhas angústias, anseios e comemorações. Obrigada por todos os conselhos sábios e os momentos de calma. Vocês fazem parte desta trajetória.

À minha parceira e amiga da vida Joyce, agradeço por estar sempre presente. Nossas conversas diárias encorajaram-me a seguir firme nesta costura. Mesmo com outras ocupações, não mediu esforços para estar comigo durante o percurso formativo.

Ao Centro de Educação Infantil Cantinho da Alegria, em especial à diretora Jacksandra, agradeço por receberem a pesquisa de braços abertos, além da gentileza com que sempre fui acolhida.

Agradeço à minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciane Pandini Simiano, que mesmo passando por um período em outro país, foi uma grande idealizadora desta pesquisa. Com muita sabedoria soube me dar a palavra, me dar fôlego e, principalmente, compreender e respeitar meus momentos de fragilidade. Aos demais professores e professoras do Programa de Pós-graduação em Educação da Unisul, agradeço por todas as elucidações e discussões que contribuíram com o aprofundamento teórico desta pesquisa.

Finalizo agradecendo a todos que não nomeei, mas que direta ou indiretamente fizeram a diferença na minha vida e também na educação. Obrigada!

## RESUMO

A presente pesquisa se insere na Linha Relações Culturais e Históricas da Educação, e tem por foco investigar as possibilidades de entrelaçamentos entre a documentação pedagógica e a promoção de uma educação intercultural a partir de uma experiência formativa com professoras da Educação Infantil. Em termos metodológicos, pauta-se em uma perspectiva qualitativa, articulando o conhecimento empírico e o conhecimento teórico. Propõe-se, ainda, o método como desvio (Benjamin, 1986). O percurso metodológico caracterizou-se em uma experiência formativa realizada em um Centro de Educação Infantil do município de Tubarão - Santa Catarina. Os sujeitos da pesquisa foram seis professoras que atuam na Educação Infantil com crianças com *background* migratório (Silva, 2021) matriculadas em suas turmas de atuação. A pesquisa aconteceu ao longo de oito encontros realizados no período de setembro a dezembro de 2022. As temáticas dos encontros perpassavam pela documentação pedagógica e pela educação intercultural, oportunizando um tempo e espaço para que as professoras pudessem narrar sobre suas práticas educativas junto às crianças com *background* migratório. A observação, a escuta atenta, o registro – escrito, fotográfico, audiovisual – foram instrumentos de pesquisa. As análises estão pautadas na interlocução com diferentes autores, como Benjamin (1986), Kohan (2009), Kuhlmann e Fernandes (2012), Walsh, Oliveira e Candau (2018), Silva (2021), Pandini-Simiano (2014, 2015), Mello, Barbosa e Faria (2017), Ostetto (2008), entre outros. Como resultado, destaca-se a importância do gesto de documentar para a abertura, construção de um olhar sensível e escuta atenta nas relações estabelecidas entre crianças com *background* migratório e adultos no cotidiano educativo. No início da experiência formativa as professoras manifestaram vários desafios da educação intercultural, entre eles a barreira com a língua, como uma interferência negativa no acolhimento, comunicação e relação com as crianças e as famílias. A experiência formativa pela via da documentação pedagógica levou as professoras a se colocarem em um lugar do não saber, errante, capaz de estranhamento e acolhimento. No gesto de documentar, no encontro com o outro, não dominar a língua pode ser ressignificado. Mais que barreira, pode ser visto como um caminho de interações, descobertas e aprendizagem recíproca, permitindo o alargamento de fronteiras. A experiência formativa com professoras, construída pela via do percurso de documentar, possibilita questionar pressupostos naturalizados na prática pedagógica, realizando deslocamentos importantes, capazes de produzir efeitos constitutivos de um acolhimento inclusivo, contribuindo para a promoção de uma educação intercultural na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Educação infantil; documentação pedagógica; educação intercultural.

## ABSTRACT

This research is part of the Cultural and Historical Relations in Education line and focuses on investigating the possibilities of intertwining pedagogical documentation and the promotion of intercultural education, based on a formative experience with teachers in Early Childhood Education. Methodologically, it is based on a qualitative perspective, combining empirical knowledge and theoretical knowledge. It also proposes the method as a deviation (Benjamin, 1986). The methodological journey was characterized by a formative experience carried out at an Early Childhood Education Center in the municipality of Tubarão – Santa Catarina. The research subjects were 6 teachers who work in Early Childhood Education with children with a migratory background (Silva, 2021) enrolled in their classes, and it took place over 8 meetings held from September to December 2022. The themes of the meetings revolved around pedagogical documentation and intercultural education, providing time and space for the teachers to narrate their educational practices with children with a migratory background. Observation, attentive listening, and recording – written, photographic, audiovisual – were research instruments. The analyses are based on dialogue with different authors, such as Benjamin (1986), Kohan (2009), Kuhlmann (2012), Walsh (2018), Silva (2021), Pandini-Simiano (2014, 2015), Mello (2017), Ostetto (2008), among others. As a result, the importance of documenting gestures for opening up and constructing a sensitive gaze and attentive listening in the relationships established between children with a migratory background and adults in everyday education is highlighted. At the beginning of the formative experience, the teachers expressed various challenges of intercultural education, including language barriers as a negative interference in welcoming, communication, and relationship with children and families. The formative experience through pedagogical documentation led the teachers to position themselves in a place of not knowing, wandering, capable of estrangement and acceptance. In the act of documenting, in the encounter with the other, not mastering the language can be reinterpreted. More than a barrier, it can be seen as a path of interactions, discoveries, and reciprocal learning, allowing for the expansion of boundaries. The formative experience with teachers, built through the path of documenting, made it possible to question naturalized assumptions in pedagogical practice, carrying out important displacements capable of producing constitutive effects of inclusive reception, contributing to the promotion of intercultural education in Early Childhood Education.

**Keywords:** Early Childhood Education; pedagogical documentation; intercultural education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Um dos poucos registros fotográficos durante minha passagem pela Educação Infantil .....	11
Figura 2 - Momento de afeto e brincadeiras com meu irmão.....	12
Figura 3 - Registros em meu primeiro caderno de planejamento.....	15
Figura 4 - Brasil, Venezuela e Gana: representações espaciais.....	29
Figura 5 - Centro de Educação Infantil Cantinho da Alegria .....	40
Figura 6 - Recepção destinada às professoras .....	43
Figura 7 - Dinâmica do novelo lã .....	44
Figura 8 - Abraços e aproximações .....	44
Figura 9 - Mensagem na garrafa.....	46
Figura 10 - Pacote-surpresa para o próximo encontro.....	46
Figura 11 - Aproximação entre Brasil e Itália .....	47
Figura 12 - A costura do diálogo .....	47
Figura 13 - "Você me dá sua palavra?" .....	48
Figura 14 - Apresentando o contexto histórico da documentação pedagógica .....	48
Figura 15 - Tipos de documentação pedagógica .....	49
Figura 16 - Abrindo o pacote-surpresa .....	49
Figura 17 - Convite e mensagem para o próximo encontro .....	50
Figura 18 - Reflexões sobre a criança que cada uma foi .....	50
Figura 19 - Contação da história "O que é uma criança?" .....	51
Figura 20 - Tirinha do Armandinho .....	51
Figura 21 - Óculos mágicos.....	52
Figura 22 - Recepção afetuosa pelo Dia do Professor .....	52
Figura 23 - Compartilhando as observações.....	53
Figura 24 - Obra "Esconde-esconde", de Ivan Cruz.....	54
Figura 25 - Registros das professoras sobre a obra de Ivan Cruz.....	54
Figura 26 - Bloquinho e lápis: um convite para o registro .....	56
Figura 27 - Recepção do quinto encontro.....	57
Figura 28 - Os fios que constituem a documentação pedagógica.....	58
Figura 29 - Trocas de vivências.....	58
Figura 30 - Compartilhando as documentações pedagógicas.....	61
Figura 31 - Relato escrito por uma professora .....	62

Figura 32 - Relato que exprime as expectativas .....	64
Figura 33 - Relato sobre a preocupação com o acolhimento.....	64
Figura 34 - Relato sobre a preocupação com a comunicação.....	65
Figura 35 - Documentação "A diversidade dos idiomas em nosso cotidiano" .....	69
Figura 36 - Documentação "Uma visita nada comum" .....	70
Figura 37 - Documentação "Hora da sopa" .....	71
Figura 38 - Relato de uma professora participante da pesquisa .....	73
Figura 39 - Relato sobre a importância do olhar .....	74
Figura 40 - Relato sobre a importância dos encontros .....	75

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Levantamento de dados sobre o número de crianças com <i>background</i> migratório matriculadas na Educação Infantil da rede municipal de Tubarão nos meses de junho e julho de 2022 .....	37
Quadro 2 - Professoras participantes da pesquisa .....	40
Quadro 3 - O <i>background</i> migratório das crianças indiretamente presentes na pesquisa .....	41
Quadro 4 – Cronograma e temas dos encontros .....	42
Quadro 5 - Temáticas a serem documentadas .....	59

## **LISTA DE SIGLAS**

CEBEM – Centro do Bem Estar do Menor

C.E.I. – Centro de Educação Infantil

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FAPESC – Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina

GEDIC – Grupo de Pesquisa Educação Infância e Cultura

OBMigra – Observatório das Migrações Internacionais

PUIC – Programa Unisul de Iniciação Científica

UA – Unidade de Aprendizagem

UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO: FIOS QUE DÃO INÍCIO À TRAMA</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO: ALINHAVANDO AS CONCEPÇÕES</b>	<b>21</b>
2.1	A CRIANÇA E INFÂNCIA: PRIMEIROS FIOS	21
2.2	EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: TRANSPASSANDO CONCEITOS	26
<b>3</b>	<b>TRAMA INVESTIGATIVA: METODOLOGIA DA PESQUISA</b>	<b>36</b>
3.1	CONTEXTOS E SUJEITOS DA PESQUISA	37
3.2	PASSOS METODOLÓGICOS: CERZINDO O PERCURSO	42
3.2.1	Primeiro encontro: acolhida e apresentação da pesquisa	43
3.2.2	Segundo encontro: os princípios da documentação pedagógica e a educação intercultural	46
3.2.3	Terceiro encontro: observação – sensibilizando o olhar e a escuta	50
3.2.4	Quarto encontro: registro - materializando aquilo que acontece	52
3.2.5	Quinto encontro: interpretação e construção de narrativas	57
3.2.6	Sexto e sétimo encontros: orientação e elaboração das documentações	59
3.2.7	Oitavo encontro: exposição das documentações construídas e socialização final	60
<b>4</b>	<b>SELEÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: COSTURANDO O VIVIDO</b>	<b>62</b>
4.1	DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL	62
4.2	EFEITOS NA RELAÇÃO COM O OUTRO	68
4.3	A EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA INTERCULTURAL E A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: ENTRELAÇAMENTOS	72
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: ACABAMENTOS QUE FORTALECEM A COSTURA</b>	<b>76</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>79</b>
	<b>APÊNDICE</b>	<b>83</b>
	<b>APÊNDICE A – Termo de consentimento de participação</b>	<b>84</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>86</b>
	<b>ANEXO A - Convite</b>	<b>87</b>
	<b>ANEXO B – Carta às professoras</b>	<b>88</b>

## 1 INTRODUÇÃO: FIOS QUE DÃO INÍCIO À TRAMA

*Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor de luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.*

*Trecho de “A moça tecelã”, Marina Colasanti*

Os fios que tecem minha história serão ponto de partida para a costura desta narrativa. Venho de uma família de mulheres costureiras. Mulheres determinadas, que unem tecidos, linhas e afetos. Nesse trabalho minucioso, é preciso olhares atentos para cada detalhe, apreciando a peça final. Por vezes, é necessário descosturar alguns caminhos, assim como outras questões da vida.

Como filha mais velha de pais jovens, para que minha mãe pudesse terminar seus estudos e para que meu pai trabalhasse fora de casa, ainda bem pequena, frequentava a creche. Sempre me senti pertencente a esse lugar, e foi lá que descobri muitas coisas sobre o mundo que me cercava. Não me importava com as bolinhas de papel coladas em letras sem significado, ou outras atividades tradicionais que me eram impostas, mas os momentos de brincadeiras, o parquinho, as companhias e o carinho das professoras serão sempre afetuosas lembranças que compõem quem sou hoje.

Figura 1 - Um dos poucos registros fotográficos durante minha passagem pela Educação Infantil



Fonte: Acervo da autora, 2021.

Com quatro anos de idade, meu núcleo familiar começou a se modificar. A primeira grande transformação foi o nascimento de meu irmão. Com a chegada daquele pequeno bebê, emergiu um enorme sentimento de proteção, que ecoa até hoje. Meu companheiro de brincadeiras (fora da creche). Cada momento após seu nascimento tornou-se mais divertido.

Figura 2 - Momento de afeto e brincadeiras com meu irmão



Fonte: Acervo da autora, 2021.

A segunda transformação, poucos anos depois, decorreu do divórcio dos meus pais. Conseqüentemente, minha mãe, com dois filhos pequenos, precisou, pela primeira vez, trabalhar fora de casa. Mas, por motivos familiares e médicos, ela necessitava, mais do que nunca, de um trabalho que pudesse ser realizado em casa.

Linhas, tecidos, tesouras e agulhas. Nesse tempo, a costura já fazia parte de nossas vidas por meio do trabalho realizado pela minha avó. Morávamos próximos e, sempre que possível, passávamos na casa dela para ver suas peças finais, tomar café e ter “conversas fiadas”. Em meio a essas conversas, lembro-me da frase “você parece uma ‘professorinha’” ser dita recorrentemente, talvez pelo modo como ajudava a cuidar do meu irmão ou por gostar muito do ambiente escolar. A verdade é que pensar no meu futuro não era uma decisão a ser tomada naquele tempo.

Enquanto fui estudante da educação básica, o tema das “diferenças” estava em alta e era abordado nas instituições educativas que frequentei apenas em forma de palestras. Na prática, no convívio com o outro, as diferenças eram presenças invisíveis e silenciosas.

Foi somente com o nascimento do meu segundo irmão e a busca pelo “emprego ideal”, que aos 16 anos de idade, comecei a costurar meu caminho na docência ao trabalhar como estagiária em uma instituição de Educação Infantil da rede pública da cidade em que nasci,

Tubarão - Santa Catarina. A ideia de trabalhar em uma creche surgiu, inicialmente, para que pudesse acompanhar meu irmão caçula no seu primeiro ano na instituição. Durante essa primeira experiência fiquei fascinada e, ao mesmo tempo, com muitas dúvidas. A forma como eu olhava para o mundo foi sendo ampliada. Pela primeira vez eu estava vivenciando e experienciando “o outro lado da moeda”: a perspectiva de auxiliar na educação e no cuidado daquelas pessoas de pouca idade. O Ensino Superior era uma realidade cada vez mais próxima, mas ainda não me sentia preparada. Decidida a esclarecer tais indagações da vida e, também, da docência, iniciei o Curso de Magistério para a Educação Infantil e Anos Iniciais.

Quando ingressei no magistério, em meus estudos, fui percebendo um movimento, ainda que sutil, de preocupação com os termos inclusão e diferença: na escola, diziam que todos os sujeitos são diferentes, mas o sistema educativo sempre tratou seus estudantes como iguais: todos fazendo a mesma coisa, ao mesmo tempo, da mesma forma. Havia uma imensa lacuna entre a letra do texto e a vida...

No Magistério, a concepção de educação que aprendi era tradicional (do ponto de vista das concepções que tenho hoje, adquiridas por meio de estudos e pesquisa). Nesse mesmo tempo, tive outras experiências de trabalho em instituições de Educação Infantil, das redes pública e privada, em diferentes municípios. Ambas as experiências aumentaram ainda mais meus receios de ser professora. Meus questionamentos eram como grandes nós na linha da vida. Continuar a costurar minha trama na área da educação não era o caminho mais fácil. Por vezes, presenciei e até mesmo reproduzi práticas que não pareciam ser coerentes, mas por ser muito determinada em minhas escolhas e com o desejo de entender mais sobre Ser Professor, procurei por outros fios ao ingressar no Ensino Superior.

Iniciei a graduação em Pedagogia no ano de 2016. As primeiras semanas foram difíceis. Não estava familiarizada com a leitura de artigos científicos, com a elaboração de seminários, mas a forma como as aulas eram conduzidas me encantou. Barros (2015, p. 152) nos diz que “[...] a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”. A cada disciplina, semestre e estudo realizado, a educação torna-se mais importante para mim, mais transformadora com seus modos de tocar vidas humanas. Nesse contexto de encantamentos, meu olhar e interesse para a Educação Infantil foi tornando-se mais atento e minucioso. As unidades de aprendizagem que englobavam a Educação Infantil, principalmente os estágios supervisionados, possibilitaram-me olhar e pensar a primeira etapa da educação básica a partir de outras perspectivas. Em campo de estágio, ao considerar os princípios legais e teóricos, pude reconhecer a criança como um sujeito diverso, com fragilidades e potências

que, com suas especificidades e sua identidade própria brinca, imagina, cria e busca dar significado para o mundo que a cerca.

Ainda no ambiente acadêmico, tive oportunidades até então inimagináveis, como participar de um grupo de pesquisa que discute a infância Grupo de Pesquisa Educação Infância e Cultura (GEDIC) e participar do Programa Unisul de Iniciação Científica (PUIC), com um projeto intitulado **Documentação Pedagógica e formação inicial de professores: um olhar para o processo de documentação na UA<sup>1</sup> de Estágio Orientado Supervisionado em Educação Infantil I**, durante o ano de 2019, o qual foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. Cabe dizer que o projeto de pesquisa realizado no PUIC está vinculado ao GEDIC/UNISUL e insere-se no interior do projeto de pesquisa coordenado pela Prof. Dra. Luciane Pandini Simiano, intitulado **Documentação pedagógica como narrativa da experiência educativa: perspectivas para a docência e formação de professores na Educação Infantil**, aprovado pela Chamada Pública FAPESC/CNPq nº 06/2017.

Foi nesse tempo de estudos que conheci a documentação pedagógica. Observar, registrar, interpretar e narrar...

[...] a riqueza se dá no reconhecimento do íntimo como algo grandioso, luzente. Alguém que recolhe, colhe, registra, interpreta e narra. Daí advém a potência do professor como colecionador. No gesto de documentar oferece uma narrativa sobre as coisas, os espaços, os lugares, a infância (Pandini-Simiano, 2015, p. 105).

A proposta de documentar possibilita dar visibilidade e significado para os saberes e fazeres, reconhecendo e envolvendo crianças, professores e famílias no processo educativo. Na Educação Infantil, a construção da documentação pedagógica requer abertura, olhar atento, escuta sensível, reconhecimento e valorização das ações das crianças para além do que é visível. Para tanto, é fundamental observar suas brincadeiras, suas relações com o outro e com o meio, legitimando suas diferentes linguagens. Tal proposta permite um redimensionamento da ação docente.

Com esse novo olhar, durante a graduação, tive minha primeira experiência como professora regente em uma turma de bebês. As discussões e aprendizados que a formação inicial me possibilitou, dia após dia, subsidiaram esta trajetória.

---

<sup>1</sup> Unidade de Aprendizagem.

Figura 3 - Registros em meu primeiro caderno de planejamento



Fonte: Acervo da autora, 2021.

Documentar as experiências vividas no espaço educativo possibilitou-me a abertura para a travessia da docência. Fui adquirindo mais segurança para exercer a profissão, fortalecendo minhas concepções e as linhas fragilizadas que ainda me restavam. Comecei a vivenciar, com outras perspectivas, a grandiosidade existente naquelas crianças bem pequenas, e o sentimento de pertencimento dos espaços e contextos da creche foi se fortalecendo cada vez mais.

Fruto de tais estudos e concepções, com o olhar atento, hoje, como professora da Educação Infantil, deparo-me com uma realidade social diferente do tempo em que ingressei no magistério: a estrangeiridade. Um número crescente de famílias imigrantes, muitas delas com filhos pequenos, provenientes de variadas partes do mundo, tem chegado ao município.

Em um mundo cheio de acontecimentos, acelerado, com obstáculos sociais, financeiros, territoriais e intensos fluxos humanos é utópico pensar que as demandas educativas continuariam iguais. Cada vez mais nos deparamos com as mudanças sociais e somos atravessados por elas. Nesse aspecto da realidade social que muda constantemente, como professora da Educação Infantil, venho percebendo, cada vez mais, as singularidades de cada criança atendida e também a chegada de um número crescente de crianças vindas de outros países. Nesta pesquisa, apresentaremos os dados mais à frente, constatamos um maior número de crianças vindas da Venezuela.

A entrada dos imigrantes venezuelanos no Brasil geralmente acontece pelo norte do país. Estudos apontam que os atendimentos médicos, alimentação e oportunidades de emprego são atrativos para aqueles que buscam melhores condições e esperança para recomeçar suas vidas no Brasil. Além de tais aspectos, as mudanças globais podem acontecer por famílias que

precisam abdicar de seu país, mesmo não querendo, como o caso de conflitos políticos e desastres climáticos.

Dados do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) apontam que, a partir de 2015, observou-se um número crescente de mulheres, crianças e adolescentes para os países do Sul-Global. Além das crianças vindas da Venezuela com suas famílias, indiretamente nesta pesquisa temos a presença de crianças imigrantes ou com *background migratório* vindas de Gana.

Neste estudo, optou-se pelo termo “*background migratório*”, pois nem todas as crianças, indiretamente presentes na pesquisa, migraram de outro país. Algumas nasceram no Brasil, mas sua cultura e idioma ainda são originários dos países em que seus familiares moravam. De acordo com Silva (2021, p. 546), “as crianças com *background migratório*, ainda que não tenham vivenciado diretamente a experiência da migração, precisam enfrentar o desafio da conciliação de dois mundos culturais diversos [...]”.

Cada criança tem consigo uma costura de histórias, conhecimentos e produções – culturais, familiares, individuais. O local de nascimento é mais um precioso retalho presente nesse “cerzir” que tecem os sujeitos. Na relação entre as diferenças, entre aquilo que é distinto, a alteridade é ser afetado pelos sujeitos, no sentido da troca e do enriquecimento recíproco.

Nesse contexto, questiona-se: como construir uma relação educativa com as crianças que chegam de outros países? Como essas crianças têm chegado? Como recebê-los? Em que sentido a criança é considerada cidadã? Como criar condições para que as professoras da Educação Infantil ampliem seus conhecimentos em relação ao processo de documentação pedagógica? Quais oportunidades ou espaços para troca de saberes e ampliação de conhecimento as professoras e professores da nossa região possuem atualmente?

A partir desse percurso de estudo e indagações é que a **questão-problema** se coloca: em que medida o gesto de documentar a alteridade pode contribuir para a educação intercultural na primeira infância?

Desse modo, proponho como **objetivo geral**: investigar as possibilidades de entrelaçamentos entre a documentação pedagógica e a promoção de uma educação intercultural, a partir de uma experiência formativa com professoras da Educação Infantil.

Para tanto, elenco como **objetivos específicos**: a) identificar os desafios da educação intercultural por meio do gesto de documentar a experiência educativa; b) pesquisar o processo de documentar e os possíveis efeitos na relação com o outro; c) analisar em que medida o percurso de formação de professores, pela via da documentação pedagógica, contribui para a promoção de uma educação intercultural na Educação Infantil.

Nesse contexto, de acordo com o art. 29 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, “a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Brasil, 1996).

A Educação Infantil é primeira etapa da educação básica, lugar onde as crianças fazem suas primeiras experiências na diversidade. Uma etapa fundamental para a cidadania, para os movimentos sociais, que se organizam em prol de causas sociais e políticas, e toda a organização da sociedade.

As contribuições da pedagogia italiana foram difundidas no Brasil a partir da década de 90, constituindo-se como uma referência nos estudos da primeira infância, tendo a documentação pedagógica como eixo central dessa proposta (Mello; Barbosa; Faria, 2017; Pandini-Simiano, 2015). Nessa perspectiva, Pandini-Simiano (2015), ao desenvolver sua pesquisa em nível de doutorado, na cidade de Pistóia na Itália, evidencia a documentação pedagógica como uma narrativa peculiar para e com criança bem pequena na creche. O termo documentação pedagógica insere-se em uma proposta que considera a importância da escuta, da observação e do registro para conhecer as crianças (Edwards; Gandini; Forman, 1999). O ato de documentar ajuda professoras e professores a escutarem as crianças, a construírem a proximidade e a distância necessárias ao trabalho pedagógico com a primeira infância.

Neste estudo, entendemos a documentação pedagógica como um processo que torna visíveis as narrativas da experiência educativa. É uma forma privilegiada de ler e contar o cotidiano das crianças (Pandini-Simiano, 2015). É importante situar que a documentação pedagógica vem sendo amplamente pesquisada pelo GEDIC, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciane Pandini Simiano até o ano 2023. Tais estudos compõem um conjunto de duas teses, sete dissertações e dois artigos advindos de pesquisa de iniciação científica, totalizando 11 pesquisas científicas<sup>2</sup> desenvolvidas, ao longo de quase 10 anos, sobre a temática documentação pedagógica e suas possibilidades na Educação Infantil.

---

<sup>2</sup> Colecionando pequenos encantamentos... a documentação pedagógica como uma narrativa peculiar para e com crianças bem pequenas (Pandini-Simiano, 2015); O processo de documentação pedagógica em uma experiência formativa na Educação Infantil: um olhar para a dimensão estética (Lisboa, 2019); O processo de documentação pedagógica em uma experiência formativa com professoras na Educação Infantil: um encontro com o princípio ético (Guimarães, 2019); Documentação pedagógica e formação inicial de professores: um olhar para as narrativas dos acadêmicos sobre o processo de documentação pedagógica na educação infantil (Santos, 2020); Documentação pedagógica: novos olhares para a prática pedagógica em um percurso de formação continuada com professoras da Educação Infantil (Serafim, 2020); Ler com os bebês: um olhar para o que contam as documentações pedagógicas sobre a docência e as interações das crianças bem pequenas com o objeto livro (Margotti, 2021); A relação da criança com a natureza no espaço da creche: um olhar sobre as documentações pedagógicas (Silva, 2021); Habitar a linguagem no espaço da creche: um olhar para as documentações

A presente pesquisa se dá em diálogo e na continuidade dos estudos desenvolvidos no interior do GEDIC, buscando focar os entrelaçamentos entre documentação pedagógica e educação intercultural na Educação Infantil. A perspectiva intercultural possibilita compreender a Educação Infantil como um lugar de educação coletiva no qual é possível ampliar os vínculos sociais. Lugar onde “as crianças são todas iguais e ao mesmo tempo diversas; iguais enquanto seres humanos e detentoras dos mesmos direitos; diferentes no sentido de que nenhuma delas é igual a outra” (Silva, 2021, p. 547).

A instituição de Educação Infantil é um espaço onde as crianças passam a maior parte da sua infância. Crianças que pulsam em diferentes ritmos, culturas e manifestações. E assim, nesse cenário, cada subjetividade vai compondo a vida do grupo ali inserido. É um lugar aberto para as novas possibilidades de ver e viver; um lugar disponível ao encontro das singularidades e potente para desbravar o novo; é um lugar transformador.

Nesse contexto, “cada criança traz consigo valores históricos e sociais da cultura que faz parte. Histórias de vida únicas, singulares, que se entrelaçam com a nossa e nos permitem construir uma nova história” (Guimarães, 2019, p. 20). A Educação Infantil pode ser oportuna para valorizar e ampliar os conhecimentos construídos pelas crianças em seu cotidiano, em uma relação de saberes e, principalmente, experiências.

Cabe ressaltar que, para a pedagogia ser, de fato, intercultural, é importante pensarmos e olharmos com criticidade para alguns aspectos da atual conjuntura dos fluxos migratórios: migrações forçadas, exacerbação do nacionalismo, discursos meritocráticos e hegemônicos ligados à diversidade, incluindo também questões ligadas à Educação Inclusiva. A estrutura na qual a sociedade está dividida e organizada na contemporaneidade, com grande influência das colonizações, opera até os dias atuais, por meio de discriminações, explorações e toda a forma de categorizar a sociedade.

Walsh, Oliveira e Candau (2018) apontam que nesse contexto é necessário repensar a política e a educação de maneira decolonial. A pedagogia decolonial

[...] opera além dos sistemas educativos (escolas e universidades), ela convoca os conhecimentos subordinados pela colonialidade do poder e do saber, dialoga com as experiências críticas e políticas que se conectam com as ações transformadoras dos movimentos sociais, é enraizada nas lutas e práxis de povos colonizados e, é pensada com e a partir das condições dos colonizados pela modernidade ocidental. Assim, o pedagógico e o decolonial se constituem enquanto projeto político a serem construídos nas escolas, nas universidades, nos movimentos sociais, nas comunidades negras e indígenas, nas ruas etc. (p. 5).

---

pedagógicas a partir das experiências do Estágio Supervisionado em Educação Infantil no curso de Pedagogia (Vitoretí; Pandini-Simiano, 2022); Documentar na educação infantil: um olhar sobre um percurso formativo com professoras na creche (Mendes, 2022).

Corroborando os princípios que constituem a pedagogia decolonial, em busca de repensar a Educação Infantil na perspectiva intercultural, a presente pesquisa de abordagem qualitativa foi desenvolvida de modo a articular o conhecimento empírico e o conhecimento teórico. O campo empírico da pesquisa foi o Centro de Educação Infantil Cantinho da Alegria, localizado no município de Tubarão-SC. Os sujeitos da pesquisa foram seis professoras que atuam na Educação Infantil com crianças com *background* migratório (Silva, 2021) matriculadas em suas turmas.

Para tanto, as professoras participaram de uma experiência formativa pela via da documentação pedagógica durante oito encontros realizados no ano de 2022, sendo seis realizados presencialmente na instituição e dois virtuais. O primeiro encontro aconteceu para apresentar a pesquisa e entregar os termos de consentimento das professoras. No segundo, apresentamos os princípios da documentação pedagógica. No terceiro encontro, focamos nossos olhares para a importância da observação no ato de documentar. O quarto encontro evidenciou a necessidade do registro no contexto educativo. No quinto compartilhamos registros e realizamos as primeiras identificações sobre as escolhas que norteariam a documentação pedagógica de cada professora. Os dois encontros posteriores foram realizados individualmente para a interpretação e a construção das documentações. O oitavo e último encontro realizou-se com o grande grupo para socializar as documentações pedagógicas.

A base teórico-metodológica desta pesquisa acontece em diálogo com Kramer e Souza (2003), Gagnebin (2011), Pandini-Simiano (2015) e Benjamin (1986), propondo-se uma experiência formativa que tem como perspectiva ética os desvios. O método como desvio é tecido e reorganizado em uma perspectiva que respeita o encontro com os sujeitos. Em um caminho indireto, onde o saber e o pensamento percorrem, param, tomam fôlego e recomeçam; um caminho que não é reto e direto, mas com desvios que possibilitam a investigação.

A estrutura desta pesquisa compreende como segundo capítulo: **Referencial teórico: alinhavando as concepções**, no qual iniciamos a costura pelos conceitos teóricos sobre a imagem de criança e infância, educação intercultural e documentação pedagógica, ampliando nossas concepções e discussões.

No terceiro capítulo: **Trama investigativa: metodologia da pesquisa**, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados.

No quarto capítulo: **Seleção e análise dos dados: costurando o vivido**, apresento as análises, realizadas a partir dos materiais coletados e selecionados com base no percurso formativo.

Ao final, apresentamos as **Considerações finais: acabamentos que fortalecem a costura**, as **Referências**, os **Apêndices** e **Anexos**.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO: ALINHAVANDO AS CONCEPÇÕES

*Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava. Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos de algodão mais felpudo [...]. Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.*

*Trecho de “A moça tecelã”, Marina Colasanti*

Alinhar é costurar provisoriamente o tecido com agulha de mão. Nessa prática, é possível ajustar os tecidos, a fim de deixá-los no molde perfeito para a costura final. Neste capítulo, faz-se esta primeira costura com autores que ajudam a pensar os conceitos teóricos que sustentam a pesquisa, ampliando as concepções e discussões.

Inicia-se olhando para **a criança e a primeira infância**, entrelaçando Catherine Walsh, Fabiana Silva Fernandes, Flávio Santiago, Luiz Fernandes Oliveira, Maria Malta Campos, Moysés Jr. Kuhlmann, Philippe Ariès, Vera Maria Candau e Walter Kohan. Para essa costura, Alessandra Mara Rotta de Oliveira, Mikhail Mikhailovich Bakhtin e Onileda de Souza Matta Guimarães ajudarão a olhar para o conceito de *alteridade*.

Em seguida, pensa-se na **educação intercultural** com Bianca Guimarães Silva, Boaventura de Sousa Santos, Clara Maria Silva, Denise Bussoletti, Fernanda Paraguassu, Kelly Cristina Russo de Souza, Leila de Carvalho Mendes, Leonardo Cavalcanti, Luciana Pires Alves, Mohammed Elhajji, Susana Inês Molon, Tadeu de Oliveira e Walter Kohan. Finaliza-se alinhavo com a linha da **documentação pedagógica** junto com Ana Lúcia Goulart de Faria, Anna Carla Luz Lisboa, Carmen Lúcia Vidal Pérez, Luciana Esmeralda Ostetto, Luciane Pandini Simiano, Maria Carmen Silveira Barbosa, Onileda de Souza Matta Guimarães e Suely Amaral Mello. Um viés necessário nesta costura são os conceitos de *experiência e narrativa*, de Walter Benjamin, Jorge Larrosa e Luciane Pandini Simiano.

### 2.1 A CRIANÇA E INFÂNCIA: PRIMEIROS FIOS

Olhando para seu percurso histórico e social, é possível identificar que as crianças e suas diferentes infâncias nem sempre foram compreendidas como são atualmente.

A palavra infância é de origem latina e surgiu há mais de vinte séculos, a partir do termo *infans*, que designava um indivíduo de pouca idade e incapaz de falar. Era muito ligada ao âmbito normativo para nomear aquele que não poderia se valer de sua palavra para dar

testemunho. “Percebamos então que a etimologia latina da palavra ‘infância’ reúne as crianças aos não habilitados, aos incapazes, aos deficientes, ou seja, a toda uma série de categorias que encaixadas na perspectiva do que elas ‘não têm’ são excluídas da ordem social” (Kohan, 2009, p. 41).

No contexto ocidental, até o século XII, as crianças eram reduzidas a indivíduos frágeis, substituíveis, sem valor e sem características próprias, como traços e expressões. O afeto não caracterizava o ambiente familiar em que estavam inseridas e a infância era desconhecida, servindo como período de transição para um dia se chegar à adultez. Ariès (1986, p. 50), em seus estudos por meio das representações artísticas, aponta que “até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo”.

Um mundo que valorizava a realização de tarefas. Tarefas que não poderiam ser feitas por mãos tão pequenas, por seres tão pequenos, por “adultos em miniatura”. Assim, a infância não tinha lugar na sociedade.

Foi somente a partir do século XVII que a primeira infância foi ganhando outros olhares e as famílias, geralmente de camadas superiores da sociedade, foram assumindo novos papéis, reorganizando-se em torno das crianças. Logo, “um novo sentimento da infância havia surgido, em que a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se tornava uma fonte de distração e de relaxamento para o adulto, um sentimento que poderíamos chamar de ‘paparicação’” (Ariès, 1986, p. 158, grifo do autor). Outros vestígios que apontam para tal mudança são as roupas próprias que as crianças passaram a utilizar, numa época em que o traje era importante fator na sociedade.

Tais sentimentos inspiraram a educação até o século XX, quando moralistas e educadores, preocupados com a falta de disciplina proveniente da “paparicação”, buscavam entendê-la para corrigi-la. Uma educação com base em princípios de boa conduta. Com essas mudanças de concepções, a duração da infância

[...] foi prolongada além dos anos em que o garotinho ainda andava com o auxílio de ‘guias’ ou falava seu ‘jargão’, quando uma etapa intermediária, antes rara e daí em diante cada vez mais comum, foi introduzida entre a época da túnica com gola e a época do adulto reconhecido: a etapa da escola, do colégio (Ariès, 1986, p. 187, grifos do autor).

Mesmo sendo um importante fator para repensar esse período da vida, não eram todas as crianças que passavam pela escola. Foi somente com as necessidades provenientes da

Revolução Industrial que a educação institucionalizada passou a pensar na formação dos sujeitos.

Os estudos de Ariès foram pioneiros para se pensar em tais questões, no entanto cabe mencionar as críticas tecidas ao seu estudo, que englobava pinturas e obras artísticas, fazendo referência para uma pequena parte da população, a nobreza.

[...] o processo histórico é bastante complexo e não pode ser simplificado. A transformação das mentalidades na longa duração histórica não pode ser entendida da mesma forma como se analisam as mudanças conjunturais, quando se identificam rupturas políticas e mudanças institucionais em períodos mais curtos (Kuhlmann; Fernandes, 2012, p. 22).

Como a educação na perspectiva intercultural é um dos conceitos centrais na costura desta pesquisa, convém destacar que existem diferentes modos de ver e viver as crianças e as infâncias, não somente pelas lentes eurocêntricas dos estudos de Ariès, já que o conceito de criança está associado ao lugar que ocupa na sociedade e a infância é social e historicamente construída<sup>3</sup>.

Walsh, Oliveira e Candau (2018) lembram que o pensamento ocidental de criança e infância influenciou as perspectivas nas mais diversas das ciências, incluindo a educação. Com o Brasil colonizado por países europeus e inserido em um “modelo ocidental” de pensar sobre as crianças e as infâncias, o surgimento da Educação Infantil data de 1888, após a pressão dos movimentos feministas. Apesar de ser uma grande conquista, com herança religiosa, o jardim de infância, como era conhecido o ensino para crianças de 0 a 5 anos, era de cunho assistencialista e higienista. Geralmente era frequentado por camadas sociais carentes. Nesse tempo, pouco se pensava criticamente sobre sua prática educativa, e as pesquisas sobre o assunto eram escassas, geralmente, estavam ligadas às áreas da sociologia, da psicologia, da antropologia e da saúde.

Foi somente com a consolidação da Constituição de 1988 e, posteriormente, com a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 que a Educação Infantil passou a ser considerada a primeira etapa da educação básica e dever do Estado. O atendimento em creches e pré-escolas tornou-se direito da criança.

---

<sup>3</sup> Para maior aprofundamento sobre essa questão sugerem-se: **Antropologia da criança**, da autora Clarice Cohn, que relativiza a compreensão aqui adotada sobre como diferentes culturas lidam com a criança, além de debater o papel da antropologia sobre o tema; e **Infância (in)visível**, de Vera Maria Ramos de Vasconcellos e Manuel Jacinto Sarmiento, que partem do ponto de vista das crianças e brincam com a visibilidade e invisibilidade presentes nas várias concepções de infância.

Tais apontamentos e transformações históricas afirmam que o percurso de reconhecimento da criança e da infância fazem parte de uma dimensão social, que se modifica de acordo com o papel que esses sujeitos exercem, o papel social da criança. Foi necessária

[...] uma crescente aderência por parte de diversos pesquisadores brasileiros no sentido de pensar e formular uma perspectiva de educação outra com e a partir dos sujeitos subalternizados pela colonialidade, como povos indígenas e afrodescendentes, quilombolas, diversidades de sexo-gênero e outros marcadores das diferenças contrapostas às lógicas educativas hegemônicas (Walsh; Oliveira; Candau, 2018, p. 6).

Da mesma forma, o trabalho pedagógico e a função das instituições de Educação Infantil precisaram ser repensados e modificados.

[...] é preciso ter uma pedagogia, explicitar um modelo pedagógico, o que supõe também a adoção de uma gramática pedagógica capaz de sustentar aquela práxis educativa baseada na concepção de criança competente, que requer uma escuta e condições de aprendizagem que a respeitem enquanto sujeito social (Campos, 2012, p. 15).

Desde a sua chegada ao mundo, as crianças se comunicam de diferentes formas, em diferentes ritmos e assim exploram, experimentam, criam e transformam tudo ao seu redor. São indivíduos capazes, potentes e surpreendentes, que se relacionam e dão novos significados para suas vivências. Possuem fervor em compreender o mundo, questionando, buscando o desconhecido e levantando hipóteses. Criança é produtora de cultura.

Com essa reflexão, segundo Lisboa (2019, p. 20), “é comum acreditar que por termos passado pelo período da infância, por termos sido crianças, sabemos o que elas querem e pensam, julgando suas necessidades de acordo como foi a nossa trajetória banhada pela cultura em que estávamos inseridos”. As características que englobavam a sociedade no tempo em que os adultos de hoje viveram suas infâncias diferem-se das novas gerações e a infância, como período de vida, é particular de cada uma. Nem todas as crianças possuem as mesmas preferências, as mesmas condições econômicas, sociais e culturais. Nem todas possuem a oportunidade de viver uma infância plena para brincar, para descobrir o mundo e se relacionar com afeto. São essas crianças tão distintas, mas também tão semelhantes que se encontram nas instituições educativas. Para tanto,

reconhecer a alteridade na Educação Infantil convoca a olhar os sujeitos que fazem parte desse contexto, que trazem uma novidade, outro jeito de ser e estar no mundo, nem pior e nem melhor, mas diferente. [...] nesta relação plural e diversificada, ficamos frente a frente com esses Outros que são diferentes de nós, mas que esperam ser acolhidos e reconhecidos (Guimarães, 2019, p. 17).

As crianças coexistem em tempos, espaços, histórias, culturas distintas e singulares. Não existe uma unicidade em ser criança, e não deveria existir uma forma única de olhar para elas. Nessa relação de distinções, o outro enriquece cada pessoa, pois “é no social que o ser individual (com todas as suas dimensões -artística, psicológica, biológica, cognitiva e afetiva) se manifesta, constrói cultura e por ela é construído num processo simultâneo e dinâmico” (Oliveira, 2001, p. 32).

Em diálogo com Bakhtin (1992), o conceito de alteridade, além do estar junto, trata-se de pensar o quanto sou afetado pelo *outro*. Isso implica reconhecer as diferenças, aceitar o estranhamento que elas possam produzir sobre o indivíduo e oportunizar a troca sem modificar as singularidades dos sujeitos.

A partir da relação com o outro, com a alteridade e com o reconhecimento de suas particularidades, concebidos a partir de um olhar minucioso para os seus indicativos, é possível perceber a criança como sujeito, dona de sua existência e de sua palavra. Como Kohan (2009, p. 59) lembra:

Aprender é traduzir. Traduzir é inventar. Inventar é inventar-se. Inventar-se é escutar o que não se escuta, pensar o que não se pensa, viver o que não se vive. A infância fala uma língua que não se escuta. A infância pronuncia uma palavra que não se entende. A infância pensa um pensamento que não se pensa. Dar espaço a essa língua, aprender essa palavra, atender esse pensamento pode ser uma oportunidade não apenas de dar um espaço digno, primordial e apaixonado a essa palavra infantil, mas também de educarmo-nos a nós mesmos [...]. Essa parece ser uma das forças da infância: a de uma nova língua, de um novo, outro lugar para ser e para pensar, para nós e para os outros.

E por meio da trama de fios desse “novo pensar” é possível compreender a educação como prática social capaz de acolher e legitimar a relação subjetiva entre crianças e adultos no contexto educativo.

A Educação Infantil é um lugar que não somente objetiva a garantia dos direitos das crianças, mas também é afetado pelas relações humanas. Santiago (2021, p. 1003) ressalta:

A tarefa de quem trabalha no campo educacional é buscar possibilidades de simplificação dos procedimentos e transformação das instituições escolares, para que creches, pré-escolas e outros espaços educacionais se configurem em lugares hospitaleiros, onde todos se sentirão bem.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil asseguram que as propostas pedagógicas devem respeitar os princípios éticos, estéticos e políticos. Dentre os princípios éticos, podem-se citar o respeito “[...] da autonomia, da responsabilidade, da

solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades” (Brasil, 2010, p. 16).

Assumindo a garantia de tais direitos da criança e pensando na aproximação com o *outro*, como reconhecer e potencializar as diferentes manifestações culturais que acontecem nas instituições de Educação Infantil?

## 2.2 EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: TRANSPASSANDO CONCEITOS

Olhando para a infância e a estrangeiridade, Kohan (2009) afirma que há uma unicidade entre os conceitos, pois assim como as crianças, os estrangeiros não falam a língua do país onde se encontram. Em suas palavras, “[...] o estrangeiro chama ao infante” (p. 52).

Kohan ainda enfatiza que os indivíduos são sujeitos de história, experiência e, conseqüentemente, de linguagem. Quando a criança chega ao mundo, sem dominar o idioma utilizado pela sociedade, ela é como um estrangeiro que chega em terras desconhecidas. Durante o período em que está adquirindo a língua falada, é vista como minoria perante a sociedade, no sentido de ser incapaz, um sujeito menor. Essa ausência de voz na infância foi, por muito tempo, tratada como uma condição social.

Já o estrangeiro, é uma minoria que, em uma visão jurídica, é o sujeito que não tem cidadania no país que habita. Da mesma forma, pode-se pensar no modo como as crianças eram/são vistas, no qual “[...] enquanto ‘o outro’, não cidadão, incapaz de exercer seus direitos, a criança será sempre um forasteiro em busca de seu lugar no novo espaço social e simbólico [...]” (Elhajji; Paraguassu, 2021, p. 406, grifo dos autores). Para ambos os sujeitos – crianças e estrangeiros – as noções de maior e menor ultrapassam seu significado linguístico, interferindo no tratamento social aplicado a eles.

A infância é a condição de ser afetado que nos acompanha a vida toda. O dito e o não dito, a falta de palavras, a ausência de voz (*in-fans*), nos afetos. É aquela singularidade silenciada que não pode ser assimilada pelo sistema. Uma condição de estar afetado que não pode nomear ou reconhecer essa afeição, isso é a infância [...] (Kohan, 2011, p. 239).

Nesse sentido, pela figura que a minoridade representa, pela infância vista como etapa a ser superada, por sua vulnerabilidade e sua condição social, questiona-se: a criança imigrante é duplamente menor? (Elhajji; Paraguassu, 2021). Acredita-se ser necessário pensar novas formas de infância, com garantias mínimas de dignidade à condição humana.

Para Santos (1997, p. 122), há algumas premissas para o diálogo intercultural diretamente ligadas à dignidade humana, bem como seus direitos:

[...] uma vez que todas as culturas tendem a distribuir pessoas e grupos de acordo com dois princípios concorrentes de pertença hierárquica e, portanto, com concepções concorrentes de igualdade e diferença, as pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza. Este é, consabidamente, um imperativo muito difícil de atingir e manter.

A história mostra que o surgimento do conjunto de pressupostos dos direitos humanos ocorre após a Segunda Grande Guerra, a serviço de interesses econômicos e geopolíticos. “Inerentes” a todos os seres humanos, independentemente de sua etnia, os direitos humanos não são universais e dificilmente atenderão às diferentes regiões do mundo.

Os direitos da pessoa humana podem ser questionados em âmbito mundial, porém por se tratar de uma pesquisa que busca tematizar a documentação pedagógica e a educação intercultural na primeira infância, a partir de uma experiência formativa com professoras na Educação Infantil, atentar-se-á para a questão educativa.

Em termos legais da educação brasileira, a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, menciona poucas vezes a intercultural, relacionando-a apenas com os povos indígenas e com os estudantes com deficiência, mas determina, no art. 1º, parágrafo 2º, que “a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social” (Brasil, 1996).

Já a Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, que dispõe sobre os direitos e deveres do migrante e do visitante, em seu art. 4º, assegura: “Ao migrante é garantida no território nacional, em condição de igualdade com os nacionais, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”, bem como estabelece, no inciso X, o “direito à educação pública, vedada a discriminação em razão da nacionalidade e da condição migratória” (Brasil, 2017).

Portanto, pensar na intercultural é pensar nos princípios da alteridade. Essa relação não se constitui de sobreposições, mas de trocas de saberes e culturas, afinal nem toda igualdade é semelhante e nem toda diferença é desigual. Bussoletti e Molon (2010, p. 72) acrescentam: “[...] do mesmo modo que o poeta absorve toda a cultura de seu tempo e cria uma nova língua literária, a criança se apropria dos instrumentos que são fornecidos pela cultura, por meio dos quais faz a emergência de sua própria personalidade”.

Ao pensar na intercultura, é importante diferenciá-la da multicultural. Esta última é caracterizada pela coexistência, em um mesmo território, da diversidade étnica-cultural, inclinando-se a “uma convivência pacífica” (Silva, 2021, p.545); enquanto a intercultura, de maneira mais dinâmica, refere-se às interações. A intercultura é um conceito que abrange as dimensões da relação e da troca, perpassando a identidade coletiva histórico-social e seus indivíduos (Silva, 2021). Cada uma com seu contexto familiar, cultural, com suas preferências e gostos. Enquanto seres humanos e detentoras de direitos, as crianças são iguais, mas ao mesmo tempo são diferentes entre si.

A educação intercultural na primeira infância, no contexto educativo, coloca em destaque as singularidades e a diversidade das crianças, ou seja, o que torna uma diferente da outra e também aquilo que lhes é comum. Para Silva (2021, p. 544):

Associada à noção de educação, exprime a exigência de ativar uma relação pedagogicamente orientada, voltada a favorecer a relação entre as diversidades étnico-raciais que habitam a sociedade. Assim, a educação intercultural é entendida como comprometimento teórico-prático, destinado a promover formas de convivência na diversidade, fazendo do estar juntos uns ao lado dos outros uma ocasião de enriquecimento recíproco.

Em busca dessa pedagogia intercultural, é essencial apontar, com criticidade, algumas lacunas encontradas. A educação, atuando diretamente na formação e desenvolvimento dos sujeitos, é atravessada pela organização e categorização social, refletindo a influência sofrida durante o processo de colonização. Pode-se indicar a superioridade nacionalista, o modo de ver os sujeitos através de lentes meritocratas e hegemônicas, o pensamento monocultural e até mesmo o estabelecimento do currículo educacional brasileiro.

Além de tais fatores, Mendes, Pires e Russo (2021, p. 619) afirmam que:

Um dos maiores desafios a serem enfrentados pelas escolas que recebem imigrantes e crianças refugiadas é romper com os estereótipos, com a tendência que etiqueta e coisifica o outro, avançando na percepção que o compreende e o reconhece na diferença. [...] a escola precisa compreender e ver as crianças como produtoras de cultura, capazes de falar sobre si e sobre os espaços que ocupam.

A educação institucionalizada em grupos tão diversos abarca muitas nuances culturais que estão e estarão cada vez mais presentes nas “salas de aula”, como gênero, etnia, religião, valores, vestimentas e hábitos diversos. Nesse sentido, pode-se apontar os fluxos migratórios como outro aspecto da intercultura: de onde são as crianças indiretamente presentes neste trabalho? Por que vieram? Qual a conjuntura atual da intercultura? Após um levantamento de

dados, destacam-se Venezuela e Gana, sendo eles os países de origem da maioria das crianças com *background* migratório matriculadas na Educação Infantil do município de Tubarão.

Figura 4 - Brasil, Venezuela e Gana: representações espaciais



Fonte: Google Imagens, 2023.

Entre 2010 e 2019, a região sul do Brasil foi a segunda maior a receber imigrantes, mas, de acordo com relatório anual do OBMigra 2022, foi a partir de 2015 que o número de feminilização das migrações teve início, com um aumento considerável. Junto ao aumento das mulheres em processo de migração para os países do Sul-Global, observou-se também a maior chegada de crianças e adolescentes. Somente no ano de 2021 foram registradas 29.795 crianças imigrantes no Brasil, maior número registrado na década (Cavalcanti; Oliveira; Silva, 2022).

Outros dados revelam que no ano de 2014, quando o Brasil foi sede da Copa do Mundo FIFA, houve uma crescente chegada de imigrantes ganeses. Para esse fato, pode-se associar a agilidade na emissão de vistos para turistas. Em contrapartida, no ano de 2020, ano da pandemia por COVID-19, houve uma queda considerável nesse número. Atualmente, os estudos da OBMigra mostram que a principal nacionalidade dos últimos anos, em termos de registro migratório, é a venezuelana. A entrada dos imigrantes venezuelanos vem acontecendo pelo norte do Brasil. Contudo, cabe salientar que o restabelecimento dos sujeitos em outro país nem sempre acontece na busca por melhorias na qualidade de vida, já que o Brasil é um país que ainda caminha para o seu desenvolvimento, marcado por desigualdades e vulnerabilidades. Os fluxos migratórios são atrativos para os sujeitos que buscam, também, refúgio de conflitos políticos e humanitários.

Continuando com a costura da conjuntura da imigração, outro aspecto importante a se pensar é a feminilização do mercado de trabalho e o acesso à educação básica, fatores que têm se mostrado como impulsionadores dos novos fluxos migratórios. De acordo com os dados do OBMigra 2022, entre 2011 e 2020, o total de crianças imigrantes matriculadas na Educação Infantil era de 138.588, mas ainda há um volume de crianças imigrantes fora da creche. A tal fator, pode-se atribuir a não obrigatoriedade de matrícula e frequência (Cavalcanti; Oliveira; Silva, 2022).

O relatório anual do OBMigra 2022 ainda destaca que analisar esses dados é extremamente importante para “[...] pensar e propor políticas públicas inclusivas, que permitam aos estudantes o acesso à matrícula na escola, e, também, uma política educacional, do mesmo modo inclusiva e que valorize a diversidade cultural” (Cavalcanti; Oliveira; Silva, 2022, p. 28).

Essas mudanças e fluxos migratórios também implicam repensar a educação intercultural, valorizando as diferenças e semelhanças. Nesse sentido, propõe-se a documentação pedagógica como uma possibilidade de olhar e escutar, com atenção e sensibilidade, para cada criança, reconhecendo-as como sujeitos sociais, históricos e culturais, com narrativas que evidenciam as crianças como protagonistas da ação educativa.

Pela via da documentação pedagógica, busca-se, além do sentido das coisas, dar significado para ser e estar na creche. É um processo que não tem molde a ser seguido, mas que nasce a partir da costura dos diálogos, das ações e relações que vão sendo estabelecidas entre as diferentes crianças, no dia a dia das instituições de Educação Infantil.

Pensando em seu início, os fios que tecem a história da documentação pedagógica surgem na Itália, em um pequeno vilarejo próximo a Reggio Emilia. Seis dias após a Segunda Grande Guerra, um jovem professor chamado Loris Malaguzzi soube que a comunidade estava decidida a construir e operar uma instituição para educar e cuidar de crianças pequenas. Um espaço educativo que superasse e reedificasse suas concepções para uma nova geração. O professor viajou até o local em sua bicicleta e, chegando lá, viu as mulheres lavando tijolos e outras pessoas vendendo itens deixados da guerra para utilizar o dinheiro nessa empreitada.

Sensibilizado com o desejo da construção de um novo serviço educativo, uma nova educação, o jovem professor se deparou com alguns obstáculos políticos, sociais e pedagógicos. Um desses desafios foi semelhante à realidade que se busca visibilizar com esta pesquisa que foca a educação e o cuidado de crianças com *background* migratório. Malaguzzi percebeu que

[...] a língua italiana oficial era estranha para essas crianças, já que suas famílias haviam falado no dialeto local por várias gerações. Pedimos ajuda aos pais, mas descobrir um modo como todos pudessemos cooperar efetivamente revelou ser a

tarefa mais difícil – não pela falta de determinação, mas pela falta de experiência. Estávamos rompendo com os padrões tradicionais (Malaguzzi *apud* Edwards; Gandini; Forman, 1999, p. 61).

Era necessário olhar para essa realidade, investigar e criar práticas políticas e pedagógicas a fim de superá-las, oportunizando uma educação de excelência. Nesse tempo, Malaguzzi constatou que “o que as crianças aprendem não ocorre como um resultado automático do que lhes é ensinado. Ao contrário, isso se deve em grande parte à própria realização das crianças como uma consequência de suas atividades e de nossos recursos” (Malaguzzi *apud* Edwards; Gandini; Forman, 1999, p. 76).

Mais importante do que a chegada, do que saber fazer, é o percurso seguido com todos os seus desvios, suas descobertas e encantamentos. Logo, sugeriu aos professores e professoras que anotassem em uma caderneta o que acontecia em sala e, posteriormente, deveriam refletir sobre suas escritas e a vida. Assim surgem os primeiros fios da documentação pedagógica, uma ferramenta que possibilita olhar atentamente as crianças e suas infâncias, bem como olhar para o processo educativo, para suas investigações, suas relações. Documentar

[...] é contar histórias, testemunhar narrativamente a cultura, as ideias, as diversas formas de pensar das crianças; é inventar tramas, poetizar os acontecimentos, dar sentido à existência, construir canais de ruptura com a linguagem ‘escolarizada’, tradicionalmente cinzenta, rígida, enquadrada, que tantas vezes silencia adultos e crianças. Documentação é autoria, é criação (Ostetto, 2018, p. 26).

As crianças aprendem individual e coletivamente, expressam-se por diferentes linguagens, são curiosas, buscam o sentido das coisas e deixam os adultos maravilhados com suas descobertas. O ato de documentar o cotidiano das crianças na instituição possibilita reconhecê-las e compreendê-las como sujeitos potentes e ativos do processo educativo. Sustentada a partir da **observação**, do **registro**, da **interpretação** e da **narrativa**, permeados pelo olhar atento e sensível, a documentação pedagógica possibilita enxergar as crianças, compreendendo e respeitando tudo o que elas dizem; e as crianças dizem muito!

Nesse processo, sustentando o trabalho docente, as professoras e professores têm papel fundamental, pois são eles que, de forma intencional, dão voz e escutam as crianças. Para Pandini-Simiano, a documentação é uma narrativa peculiar que nasce da relação entre adultos e crianças. A autora lembra que “estamos permanentemente a elaborar sentidos e significados sobre o mundo. Vivências compartilhadas moldam nosso espaço e tempo. E, assim, apropriando-nos de referências culturais, modos de ser, pensar e sentir, escrevemos nossa história” (2015, p. 90). A docência, na perspectiva intercultural, se constitui na relação com o

outro e se constrói a partir das diferenças. Nesse sentido, a documentação pedagógica se constitui com o fio de criações e possibilidades a partir das diferentes experiências vividas por professoras, professores, crianças e famílias, constituindo-se no encontro e fortalecendo as práticas democráticas.

Lisboa (2019, p. 99) destaca que documentar é

[...] um procedimento que mostra e dá suporte para as relações educativas, um convite para que seja vista e partilhada, que permita interpretar, revisitar e avaliar. Ao mesmo tempo ela pretende comunicar com sensibilidade e emoção, sendo que é importante ter cuidado estético com o resultado final, embora o seu valor esteja no processo de produção em si.

Guimarães também contribuiu para as pesquisas do grupo ao afirmar que o princípio ético, quando presente no processo de documentar, é um alicerce para o acolhimento das diferenças. “No processo de documentar, procuramos valorizar as relações que emergem no encontro com o outro no cotidiano, buscando meios de olhar e narrar as experiências educativas, reconhecendo a criança na sua alteridade” (2019, p. 79).

Como uma costureira que dá forma aos tecidos e fios, é o professor quem vai dar vida aos acontecimentos. É ele(a) quem observa, registra, interpreta e narra, dentre tantas as possibilidades das crianças, experiências vividas no contexto educativo. Logo,

a riqueza presente nas relações cotidianas pode, muitas vezes, passar despercebida no dia a dia, mas percebê-la e documentá-la põe, em evidência, a prática docente da Educação Infantil. As diferentes possibilidades para as relações entre os pares, materialidades e espaços (Vitoretí; Pandini-Simiano, 2022, p. 281).

Nessa perspectiva, aspectos a se pensar são: *o que narrar? Como escolher as histórias que serão recontadas?*

[...] trabalhando com crianças pequenas, tudo nos parece igualmente importante, e é; no entanto, se queremos avançar em nossos pensamentos e em nossa maneira de ensinar, temos que ‘delimitar’, destacar algumas coisas. Escolher não significa perder de vista o contexto, mas focar em algumas coisas específicas (Mello; Barbosa; Faria, 2017, p. 32, grifo das autoras).

No dia a dia da instituição várias coisas acontecem e tocam os adultos. Por muitas vezes é possível se impressionar e se emocionar com o que as crianças fazem e falam. Para tanto, é necessário fazer escolhas e costurar a documentação pedagógica pensando: *como? Para quem? Para quê? Qual minha intencionalidade?* Para documentar não há moldes, mas esses primeiros questionamentos são importantes no processo de escolha, afinal “[...] não se trata de captar o

maior número de informações e objetos possíveis. Como em uma coleção, trata-se de selecionar aquilo que faz sentido” (Pandini-Simiano, 2015, p. 61).

Na Educação Infantil a intencionalidade educativa é fundamental. Assim também é no processo de documentação pedagógica. Quando o professor escolhe o que quer documentar, coloca, mesmo que intencionalmente, sua perspectiva daquilo que considera mais relevante. Deve estar aberto a todos os acontecimentos, mas saber olhar e escutar atentamente aquilo que é mais significativo, aquilo que o toca, aquilo que torna visível a experiência educativa. A documentação nasce da **observação** intencional e sensível nesse contexto, olhar e escutar são viés essenciais. Um olhar minucioso, atento, sensível e com abertura às possibilidades, que perpassa pela dimensão do visível e uma escuta atenta para além do que é dito.

Para Pandini-Simiano (2015, p. 58), a escuta é

[...] a disponibilidade permanente por parte do sujeito que ouve. Uma abertura à fala, ao gesto, da alteridade. Portanto, ao falarmos de escuta, não estamos nos referindo somente à audição da palavra, mas ao ouvir com todos os sentidos [...]. Buscar escutar aquilo impossível de ser dito, mas passível de vir a estar. Basta que se faça ouvir.

Ao olhar e escutar, surge a importância de outro elemento para a costura da documentação: o **registro**. O registro permite captar as vozes e ações das crianças e professoras, reorganizando o pensamento para reviver o acontecido. É um modo de materializar aquilo que acontece. “É com o registro dos fatos, dos atos, dos acontecimentos do dia a dia que aprendemos a ver o grupo em geral e cada criança em particular, compreendendo, assim, que lá estão meninos e meninas em busca de tempo para viverem a infância” (Ostetto, 2008, p. 23).

Com seu caráter pessoal, o registro não se caracteriza apenas pela escrita, mas também pode acontecer por fotografias, gravações de áudios, de vídeos e até pelas produções das próprias crianças. Pode-se, inclusive, utilizar mais de uma maneira para registrar. Não há forma certa ou errada, mas é essencial selecionar aquilo que faz sentido. O instrumento utilizado irá depender daquilo que se deseja registrar, da intenção do professor e para quem ele deseja documentar. A documentação conta uma história e, da mesma forma, os materiais coletados devem ser coerentes e compor uma sequência.

Escolher, revisitar, reorganizar e **interpretar** o material coletado é um processo que deve ser feito cuidadosamente. Ao interpretar, o professor busca dar significado aos acontecimentos e, nesta etapa, o diálogo e a troca de experiências em grupo permitem olhar para diferentes aspectos. Assim, “[...] a documentação assume a importante função da autoformação na construção de uma forma de pensar compartilhada pelo grupo” (Mello; Barbosa; Faria, 2017, p. 94).

Esse intercâmbio de experiências assume um papel importante para a documentação pedagógica. Durante a coleta de pistas do processo educativo, o outro pode olhar para além do que se viu. O outro pode perceber coisas que um indivíduo não havia percebido antes, promovendo uma prática democrática que envolve diferentes pontos de vista.

‘Pensar com’ é produzir uma outra forma de olhar a realidade, enxergando-a em sua multidirecionalidade, incorporando ao pensamento as múltiplas possibilidades de conexões, cortes, aproximações, percepções. É subverter o modo disciplinar de olhar o outro e, ao mesmo tempo, enfrentar o desafio de reorganizar nosso conhecimento sobre o outro e sobre nós mesmos (Pérez, 2003, p. 97).

Assim como as crianças e seus pares têm infinitas possibilidades de pensamentos, os adultos, professoras e professores, na companhia uns dos outros também ampliam suas ideias. A observação, o registro e a interpretação geram o tecido narrativo da documentação. Ambos são processos entrelaçados.

**Narrar** é transformar as experiências em palavras, é transmitir o acontecido. Para o filósofo Walter Benjamin (1986), narrar é intercambiar a experiência, no entanto o autor adverte que as experiências estão cada vez mais raras.

A Primeira Guerra manifesta, com efeito, a sujeição do indivíduo às forças impessoais todo-poderosas da técnica, que só faz crescer e transforma cada vez mais nossas vidas de maneira tão total e tão rápida que não conseguimos assimilar essas mudanças pela palavra (Gagnebin, 2011, p. 59).

Benjamin acreditava que as pessoas estão mais retraídas com a capacidade de vivenciar e transmitir experiências, assim como a capacidade de contar histórias e de criar vínculos com os sujeitos.

Larrosa (2002), com base em Benjamin, afirma que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca [...]. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (p. 21). Na sociedade moderna, por causa da vida em seu ritmo acelerado, do excesso de trabalho, de opinião e de informação, as experiências são cada vez mais empobrecidas.

Logo, se a experiência é algo que acontece ao sujeito, algo que o atravessa e o toca, é necessário fazer o movimento de

[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros,

cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2002, p. 24).

Em diálogo com Benjamin, Pandini-Simiano (2015) encontrou na documentação pedagógica uma forma de narrar, constituir e viabilizar as experiências. Essas ideias são costuradas aqui como fundamentais para transformar a Educação Infantil em um lugar para viver as infâncias.

Nesse sentido, o professor seria um narrador que intercambia experiências e a documentação pedagógica, que implica o enriquecimento das experiências e de como os sujeitos são afetados por elas. Implica escutar as crianças e professoras. Implica tornar visível as narrativas. É uma forma privilegiada de ler e contar o cotidiano das crianças, mostrando como elas aprendem e se relacionam, capaz de sustentar o ser e estar na Educação Infantil.

### 3 TRAMA INVESTIGATIVA: METODOLOGIA DA PESQUISA

*Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...*

*Trecho de “Sou feita de retalhos”, Cris Pizzimenti*

O tecido que constrói o objeto desta dissertação configura-se em tramas tecidas desde a infância da pesquisadora. A tecitura tramada na escola da vida e da academia, no urdir de fios, de palavras ditas e não ditas, compõe-se de textura e contextura que a conduzem até aqui. Hoje, revisita-se esse tecido e se percebe desafiada a seguir costurando, construindo um percurso investigativo que busque dar visibilidade à educação na perspectiva intercultural e documentação pedagógica no contexto da Educação Infantil. Como forma de conduzir tal costura, apresentam-se elementos de um percurso.

Em termos metodológicos, esta pesquisa é realizada em uma perspectiva qualitativa. “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado” (Minayo, 1994, p. 21). Nessa perspectiva, a presente investigação acontece como um estudo exploratório que busca uma aproximação com o universo a ser pesquisado, articulando o conhecimento empírico e o conhecimento teórico.

Junto aos sujeitos da pesquisa, em campo de pesquisa, buscou-se construir uma relação de alteridade. Nesse percurso, foi possível compreender que o pensamento não acontece em uma única via, mas está aberto aos desvios, no ir e vir.

Método é desvio. A apresentação como desvio – eis o caráter metodológico do tratado. Renunciar ao curso ininterrupto da intenção é sua primeira característica. Incansavelmente, o pensamento começa sempre de novo, volta minuciosamente à própria coisa. Esse incessante tomar fôlego é a mais autêntica forma de existência da contemplação (Benjamin, 1986, p. 50).

É no desvio que se pode perceber a infinidade de caminhos, onde o pensamento pode parar, ser retomado, ganhar fôlego, não como uma pena que se deixa ser levada pelo vento, mas como um pássaro de voo preciso e sutil. Nesse percurso é preciso atenção, compreendendo que o método como desvio é também minucioso. Nas palavras de Pandini-Simiano (2015, p. 29), “é o desvio que guarda a infinidade dos caminhos a seguir. Ao perguntar pelo que ficou de fora, propõe olhar para os fios soltos. Estes permitem o fiar, o tecer, o unir fios com/no vivido”.

Com essa perspectiva, busca-se construir o caminho da pesquisa que possibilite tematizar a documentação pedagógica e a educação intercultural na primeira infância, a partir de uma experiência formativa com professoras na Educação Infantil.

### 3.1 CONTEXTOS E SUJEITOS DA PESQUISA

Enfestou-se<sup>4</sup> a presente pesquisa no encontro com os sujeitos, iniciou-se com a escolha do campo de pesquisa. Como critérios para a escolha do campo, primeiramente, elencou-se que deveria ser uma instituição pública; o segundo critério foi uma instituição em que funcionasse creche e pré-escola; um terceiro critério incluiu as instituições de Educação Infantil consideradas com número maior de crianças imigrantes no município de Tubarão, localizado no sul de Santa Catarina, em uma região predominantemente de brancos e de descendentes europeus.

Diante de tantas possibilidades, iniciou-se com um levantamento, junto à Fundação Municipal de Educação do município, o número de crianças com *background* migratório matriculadas por Centro de Educação Infantil (C.E.I.). Obteve-se a como resposta que não havia esses dados, com a justificativa de que há muita rotatividade dessas matrículas. Logo, foi necessário ligar para cada uma das instituições, a fim de obter tais dados, dispostos no quadro a seguir.

Quadro 1 - Levantamento de dados sobre o número de crianças com *background* migratório matriculadas na Educação Infantil da rede municipal de Tubarão nos meses de junho e julho de 2022 (continua)

<b>Nome do Centro de Educação Infantil</b>	<b>Bairro</b>	<b>Número de matrículas totais</b>	<b>Número de crianças com <i>background</i> migratório matriculadas</b>	<b>Idade das crianças</b>	<b>Nacionalidade das crianças</b>
Alvaro Braz Fernandes	Guarda / ME	148	0	-	-
Anjos da Guarda	Guarda / MD	35	0	-	-
Aprender Brincando	Sertão dos Correias	70	1	4 a 5 anos	Venezuela

<sup>4</sup> Na costura, o enfesto é a preparação do tecido antes do corte. É um processo que envolve o molhar e estender à sombra.

(continuação)

<b>Nome do Centro de Educação Infantil</b>	<b>Bairro</b>	<b>Número de matrículas totais</b>	<b>Número de crianças com <i>background</i> migratório matriculadas</b>	<b>Idade das crianças</b>	<b>Nacionalidade das crianças</b>
Balão Mágico	Praia Redonda	Não se obteve contato	-	-	-
Borboleta Azul	São João / MD	86	0	-	-
Branca de Neve	KM 60	66	0	-	-
Caminho Feliz	São João / ME	110	0	-	-
Cantinho da Alegria	Morrotos	123	8	1 a 5 anos	Gana e Venezuela
Chapeuzinho Vermelho	Monte Castelo	106	5	4 a 5 anos	Venezuela
Cidade Azul	São Raimundo	Não se obteve contato	-	-	-
Criança Feliz	Congonhas	Não se obteve contato	-	-	-
Cristina À. Wendhausen	Madre	67	0	-	-
Divina Providência	Vila Esperança	148	2	1 criança de 0 a 3 e 1 criança de 4 a 5	Venezuela
Dorivalda Bristot de Campos	São Bernardo	147	3	2 crianças de 0 a 3 e 1 criança de 4 a 5	Venezuela
Estrelinha Brilhante	Passagem	148	1	5 anos	Haiti
Feliciano Corrêa da Silva	São Martinho	75	5	2 crianças de 0 a 3 e 3 crianças de 4 a 5	Venezuela
Irene Botega Collaço	São Cristóvão	109	2	4 a 5 anos	Venezuela
Leonor Lima Brasil	Oficinas	96	0	-	-
Mário José Bressan	Monte Castelo	44	1	0 a 3 anos	Peru
Orlando Francalacci	Caruru	63	0	-	-

(conclusão)

<b>Nome do Centro de Educação Infantil</b>	<b>Bairro</b>	<b>Número de matrículas totais</b>	<b>Número de crianças com <i>background</i> migratório matriculadas</b>	<b>Idade das crianças</b>	<b>Nacionalidade das crianças</b>
Pe. Paulo Herdt	KM 63	Não se obteve contato	-	-	-
Peixinho Dourado	Humaitá de Cima	145	5	4 a 5 anos	Venezuela
Pirlim-pim-pim	São João / ME	86	1	Não informado	Venezuela
Prof. José Santos Nunes	Santo Antônio de Pádua	Não se obteve contato	-	-	-
Recife	Recife	80	0	-	-
São Cristóvão	São Cristóvão	94	1	0 a 3 anos	Venezuela
Sete Anões	Fábio Silva	87	0	-	-
Theresa da Silva Rosendo	Oficinas	Não se obteve contato	-	-	-
Walt Disney	Oficinas	Não se obteve contato	-	-	-

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Das 29 instituições de Educação Infantil, obteve-se o retorno de 22. A partir desta pesquisa exploratória inicial, foi possível identificar a presença de 35 crianças com *background* migratório matriculadas na Educação Infantil. Dessas, 8 crianças estão matriculadas na creche e 27 crianças matriculadas na pré-escola. Questiona-se se o fato de existir um significativo número na pré-escola está associado à obrigatoriedade de matricular as crianças a partir dos quatro anos no Brasil.

Constatou-se, ainda, que a instituição educativa com maior número de crianças migrantes é o Centro de Educação Infantil Cantinho da Alegria. Isso levou a querer olhar, investigar e buscar conhecer o porquê desse fato. Assim, essa instituição foi eleita como campo de pesquisa e se teve uma recepção acolhedora.

O C.E.I. Cantinho da Alegria iniciou suas atividades em 06 de agosto de 1975. Originalmente com o nome Centro do Bem Estar do Menor (CEBEM), funcionava no mesmo bairro, porém anexado à igreja e atendia quatro turmas em regime parcial, contando com apenas

duas salas. A mudança de endereço se deu com a aquisição do atual terreno em 07 de dezembro de 1981. Em 20 de maio de 1987, passou a chamar-se Cantinho da Alegria.

Figura 5 - Centro de Educação Infantil Cantinho da Alegria



Fonte: Google Maps, 2023.

Em 2022, ano em que foi realizada a pesquisa, as turmas organizavam-se em 1 turma de Creche III, 2 turmas de Creche IV, 1 turma de Pré I, 1 turma de Pré II e 1 turma mista de Pré I e II.

Os sujeitos da pesquisa foram seis professoras que atuavam com crianças com *background* migratório em suas turmas, além da presença de uma diretora e uma secretária durante o percurso formativo. Abaixo, segue um quadro que situa os sujeitos da pesquisa.

Quadro 2 - Professoras participantes da pesquisa (continua)

<b>Nome fictício<sup>5</sup></b>	<b>Idade</b>	<b>Formação</b>	<b>Tempo de serviço na Educação Infantil</b>
Rosana	52	Pós-graduada em Educação Infantil e Anos Iniciais	29
Maria	49	Pós-graduada em Educação Infantil e Anos Iniciais	24
Carla	34	Pós-graduada em Psicopedagogia e Alfabetização e Letramento	3

<sup>5</sup> Para garantir a confidencialidade dos nomes reais, de acordo com o termo de consentimento (Apêndice A).

(conclusão)

Nome fictício	Idade	Formação	Tempo de serviço na Educação Infantil
Laura	45	Pós-graduada em Educação Infantil e Anos Iniciais	24
Talita	28	Pós-graduada em Educação Infantil e Anos Iniciais	12
Viviane	38	Graduada em Pedagogia	11

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Observa-se que 4 professoras possuem pós-graduação *lato sensu* em Educação Infantil e Anos Iniciais, 1 possui pós-graduação *lato sensu* em Psicopedagogia e Alfabetização e Letramento e 1 é graduada em Pedagogia. Das 6 professoras, 5 possuem ampla experiência na Educação Infantil, sendo superior a 10 anos.

Além das professoras, ao longo desta pesquisa houve a participação indireta de algumas crianças. Pensando nisso, buscaram-se algumas informações que ajudam a caracterizar esses sujeitos e seus fluxos migratórios, como no quadro a seguir:

Quadro 3 - O *background* migratório das crianças indiretamente presentes na pesquisa

Diego	4 anos	Filho de venezuelanos, nasceu no Brasil. Sua língua materna é o espanhol.
Isabel	5 anos	Nascida em Gana, ao chegar ao Brasil, morou no município de Imbituba/SC e após veio para Tubarão/SC. Sua língua materna é o inglês.
Juan	4 anos	Nasceu na Venezuela e sua língua materna é o espanhol.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

É possível observar que nem todas as crianças passaram pelo processo de imigração. Diego nasceu no Brasil, mas traz consigo a cultura de seus familiares, ao ter outra língua materna. Outra linha aparente nessa costura é a Venezuela ser o país de origem da maioria das crianças presentes indiretamente na pesquisa.

Destaca-se que a participação nesta pesquisa não era obrigatória e não trouxe nenhum benefício em dinheiro, assim como não causou nenhum prejuízo para os que autorizaram sua participação. Foi mantido o cuidado com o sigilo dos nomes das professoras e crianças, além do zelo por um ambiente respeitoso e cuidadoso.

### 3.2 PASSOS METODOLÓGICOS: CERZINDO O PERCURSO

O percurso da pesquisa se caracterizou por uma experiência formativa que aconteceu no período de setembro a dezembro de 2022, sendo realizados oito encontros: seis de modo presencial e dois virtuais, via plataforma Zoom. As temáticas dos encontros perpassavam pela documentação pedagógica e pela educação intercultural, oportunizando um tempo e espaço para o acolhimento, a escuta, a troca de saberes e a construção de documentações pedagógicas para que as professoras pudessem narrar sobre suas práticas educativas junto às crianças com *background* migratório.

Ao longo desse percurso, também se utilizou da observação, da escuta atenta, do registro – escrito, fotográfico, audiovisual – como instrumentos de pesquisa. Corrobora-se, neste estudo, a perspectiva de escuta de docentes em pesquisa na Educação Infantil, de Marlene de Oliveira dos Santos. A autora, em diálogo com Freire (1996) e Lévinas (1980), aponta a escuta como ato político que abre caminho para falar *com* o outro, e que a ação de escutar o outrem precisa pautar-se na ética da alteridade. Escutar é então compreendido como uma ação humana complexa que exige do pesquisador uma escuta paciente e crítica (Santos, 2023). Posto isso, no quadro a seguir apresenta as datas e temáticas de cada encontro.

Quadro 4 – Cronograma e temas dos encontros (continua)

	<b>Datas</b>	<b>Temáticas</b>
	02/08/2022	Entrega dos convites
1º Encontro - Presencial	12/09/2022	Acolhida e apresentação da pesquisa
2º Encontro – Virtual	30/09/2022	Os princípios da documentação pedagógica e a educação intercultural
3º Encontro - Presencial	10/10/2022	Observação: sensibilizando o olhar e escuta
4º Encontro - Presencial	17/10/2022	Registro: materializando aquilo que acontece
5º Encontro - Presencial	07/11/2022	Interpretação e construção de narrativas
6º Encontro – Presencial	16/11/2022	Orientação e elaboração das documentações

(conclusão)

	<b>Datas</b>	<b>Temáticas</b>
	02/08/2022	Entrega dos convites
7º Encontro – Virtual	23 até 30/11/2022	Orientação e elaboração das documentações
8º Encontro – Presencial	05/12/2022	Exposição das documentações construídas e socialização final

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

### 3.2.1 Primeiro encontro: acolhida e apresentação da pesquisa

As costuras iniciais do primeiro encontro aconteceram no dia 02 de agosto, com a entrega de um convite (Anexo A) para as professoras atuantes com crianças com *background* migratório. Nesse processo, foi necessário alterar a data inicialmente pensada e então o encontro aconteceu no dia 12 de setembro, uma segunda-feira, às 18h30min. No horário combinado, as parceiras de grupo de pesquisa, Joyce e Victória, ajudaram com a montagem dos equipamentos de projeção, com os registros realizados durante o encontro e tornaram possível receber as professoras em um ambiente acolhedor. A rotina diária na Educação Infantil é, muitas vezes, acelerada. Pensando nisso, iniciou-se o encontro com um café e com alguns minutos livres para que as professoras pudessem conversar.

Figura 6 - Recepção destinada às professoras



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Esse momento foi bem tranquilizante para a pesquisadora, pois durante as conversas, algumas professoras lembraram que ela havia feito alguns estágios obrigatórios da graduação

lá. Logo, o nervosismo inicial se transformou em gratidão por estar sendo recebida de braços abertos pela instituição e, principalmente, pelas professoras.

Após esse momento inicial, foi realizada uma dinâmica, uma sensibilização. Nessa proposta, cada uma deveria segurar um pedacinho de um novelo de lã, falar brevemente sobre sua trajetória na educação e passar o novelo para uma colega. Assim, de fio em fio e história em história, o novelo foi se entrelaçando, formando um emaranhado.

Figura 7 - Dinâmica do novelo lã



Fonte: Acervo da autora, 2022.

A maioria tem uma longa caminhada na Educação Infantil, inclusive em outros estados do Brasil, mas todas estavam ali para discutir sobre essa inquietação da educação intercultural, algo “novo” e pouco falado em seus anos de experiência. Ao final, em um movimento contrário, uma a uma foi enrolando o novelo novamente e, ao encontrar com as colegas, cada uma deu um abraço e falou uma palavra ou frase reconfortante para a outra.

Figura 8 - Abraços e aproximações



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Nessa oportunidade, foi possível refletir sobre os (desa)fos e problemas encontrados no dia a dia e entender que juntas, na companhia umas das outras, obstáculos podem ser superados.

Em um segundo momento, utilizou-se um projetor para apresentar a pesquisa, seus objetivos e indagações, bem como foi contemplado o projeto guarda-chuva “Educação e cuidado intercultural na primeira infância: possibilidades da documentação pedagógica na formação e prática docente no Brasil e na Itália” e o GEDIC.

Em um terceiro momento, questionou-se: Vocês já se sentiram estrangeiros em algum momento? Essa reflexão foi oportuna para promover maior aproximação da pesquisadora com as professoras, tranquilizando-as sobre a formação. A pesquisadora não é somente a Jéssica, mestranda. Também é professora e fica intrigada/inquieta com questões que cercam seu trabalho profissional. A documentação pedagógica é uma ferramenta aliada para o processo de reconhecer as crianças que quem se convive diariamente. Após esse momento, foram entregues uma folha e uma caneta para que cada professora escrevesse, sem a exigência de identificação, suas expectativas para essa formação e se já tinham ouvido falar sobre a documentação pedagógica.

Partindo para o final do primeiro encontro, apresentou-se uma proposta de cronograma que foi flexibilizada com a opinião das participantes. Também foram entregues os termos de consentimento, frisando que a participação não é obrigatória e que todo o processo será realizado em conjunto, pois a proposta era pensar a documentação pedagógica juntas.

Foi possível aproveitar o momento para utilizar uma frase de Fernando Pessoa que diz: “O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem”, relatando o compromisso de cumprir com o horário de duração dos encontros. Nesse curto tempo, os encontros serão aproveitados ao máximo para refletir sobre a documentação pedagógica e a educação intercultural na Educação Infantil.

O primeiro encontro foi finalizado com a leitura do livro “O coração e a garrafa”, do autor Oliver Jeffers, que conta a história de uma menina cheia de admiração e curiosidade pelo mundo, até que um dia guardou seu coração em uma garrafa. Uma história emocionante e aberta a reflexões. Nesse momento, foi uma pequena garrafa contendo uma mensagem para cada professora.

Figura 9 - Mensagem na garrafa



Fonte: Acervo da autora, 2022.

No dia 16 de setembro, houve o retorno ao C.E.I para buscar os termos de compromisso assinados. Nessa ocasião, entregou-se um pacotinho-surpresa a ser aberto somente no próximo encontro, que aconteceria virtualmente no dia 30 de setembro. Seu conteúdo (chocolate), até então, era de máxima importância e exigia muito cuidado para que não fosse violado.

Figura 10 - Pacote-surpresa para o próximo encontro



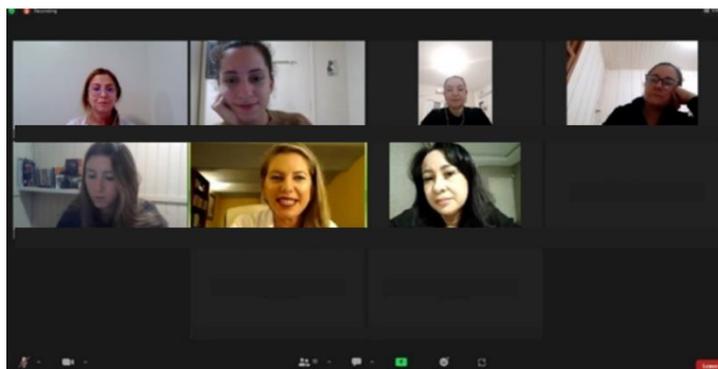
Fonte: Acervo da autora, 2022.

Com um gostinho de curiosidade, foi finalizado esse primeiro contato com as participantes da pesquisa.

### 3.2.2 Segundo encontro: os princípios da documentação pedagógica e a educação intercultural

Por meio de chamada de vídeo, via plataforma Zoom, unindo Brasil e Itália, deu-se o segundo encontro.

Figura 11 - Aproximação entre Brasil e Itália

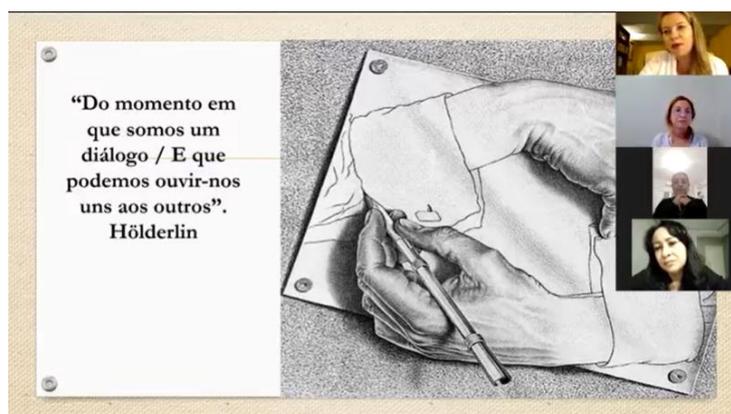


Fonte: Acervo da autora, 2022.

De maneira colaborativa, a professora Dra. Luciane Pandini Simiano, que estuda a temática da documentação pedagógica ao longo dos anos, ajudou a olhar e pensar os princípios de documentar e seus entrelaces na educação intercultural.

Após se apresentar, Luciane mostrou uma imagem para expor a ideia de que essa formação é costurada pelo diálogo. Não há pessoa que saiba mais do que a outra e é na troca de experiências que o processo é enriquecido.

Figura 12 - A costura do diálogo



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Pensando no diálogo e na troca, foi feito um convite: você me dá sua palavra? Qual sua palavra sobre o que é a documentação pedagógica?

Figura 13 - "Você me dá sua palavra?"



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Registro, observação, narrativa... Palavras que compõem os gestos de documentar. A partir dessa dinâmica, iniciou-se uma conversa sobre a origem da documentação pedagógica e seu desenvolvimento no Brasil.

Figura 14 - Apresentando o contexto histórico da documentação pedagógica

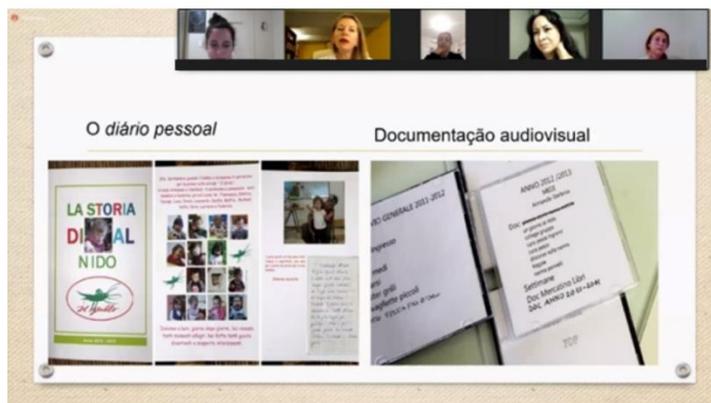


Fonte: Acervo da autora, 2022.

Nesse momento, foi possível perceber que apenas um registro, uma observação não é documentação pedagógica. Além disso, houve conversas, ainda, sobre os princípios e as funções desse processo.

Sustentando os serviços educativos para a infância, a documentação pedagógica implica algumas escolhas: o quê? Para quem? Nesse sentido, as escolhas ajudarão a conduzir as ideias para documentar. Desse modo, o conhecimento sobre alguns tipos de documentação pedagógica permitiu ampliar experiências.

Figura 15 - Tipos de documentação pedagógica



Fonte: Acervo da autora, 2022.

A professora Dra. Luciane compartilhou documentações que encontrou na Itália e também algumas que foram tecidas no Brasil, sempre contextualizando e convidando as professoras participantes da formação para se sentirem mais próximas da pesquisa.

Ao final, as professoras expuseram o anseio de aprender e também ensinar, todas juntas nesse processo. Uma busca como pensar em uma educação para as crianças com *background* migratório.

Para encerrar e adoçar o encontro, foi aberto o tão esperado pacotinho entregue no dia 16 de setembro.

Figura 16 - Abrindo o pacote-surpresa



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Para esse momento, foi feito um suspense, uma metáfora. Aquilo que é estranho pode ser assustador, mas nem por isso é ruim, amargo. Igualmente é o processo de documentar. As dificuldades, dúvidas e anseios podem se tornar possibilidades de novas ideias e perspectivas oportunas para o crescimento profissional e pessoal.

### 3.2.3 Terceiro encontro: observação – sensibilizando o olhar e a escuta

No dia 10 de outubro aconteceu o terceiro encontro do percurso formativo. Os preparativos para esse momento se deram durante a semana, com um convite especial e uma mensagem cheia de encantamento.

Figura 17 - Convite e mensagem para o próximo encontro



Fonte: Acervo da autora, 2022.

No dia marcado, pensando na proposta de um encontro acolhedor, as professoras foram recebidas com um lanchinho e um tempo para descansar/desacelerar da correria do dia.

Em seguida, iniciou-se a conversa sobre a sensibilização do olhar e escuta, assistindo ao vídeo “A criança que eu fui um dia”, do grupo Reverb Poesia.

Figura 18 - Reflexões sobre a criança que cada uma foi



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Se a criança que você foi um dia viesse lhe visitar, será que ela se reconheceria? Essa reflexão intrigou a todas, inclusive a pesquisadora. Para complementar, foi apresentada a história “O que é uma criança?”, da autora Beatrice Alemagna.

Figura 19 - Contação da história "O que é uma criança?"



Fonte: Acervo da autora, 2022.

A criança coexiste no adulto, assim como o adulto também coexiste na criança. A criança vive em cada adulto. Ela não está à parte. Cada adulto carrega essa criança. Por isso, foi importante recordar que a documentação pedagógica busca olhar e escutar as crianças, as infâncias. Para esse olhar e essa escuta, é fundamental que cada um encontre sua criança interior.

Qual a sua concepção de criança e infância? Será que os adultos param para pensar nas individualidades de cada criança? Param para enxergá-la?

Figura 20 - Tirinha do Armandinho



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/posts/1929868410391789>. Acesso em: 01 out. 2022.

Após essas reflexões, todas fecharam os olhos para escutar com atenção uma música com sons da natureza. Através do som, foi possível sentir cheiros e gostos e relembrar momentos que nenhuma das professoras sabia que estavam guardadas.

Para ajudar a pensar nessas questões, afinando o olhar e a escuta, foram apresentadas algumas imagens fotografadas durante o período de estágio supervisionado da graduação, realizado no mesmo C.E.I. da pesquisa, a fim de pensar juntas para além daquilo que é óbvio.

Foram levantadas questões, como: O que estamos olhando? O que estamos escutando? “As crianças têm mãos pequenas, pés pequenos e orelhas pequenas, mas nem por isso tem ideias pequenas” (Alemagna, 2010, p. 8). Nas mãos das crianças, tudo é possível.

Ao final, cada professora recebeu óculos de brinquedo, ou melhor, “óculos mágicos” como uma metáfora para ganhar o poder de observar suas crianças.

Figura 21 - Óculos mágicos



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Ficou combinado, para o próximo encontro, que cada uma trouxesse uma observação realizada com as crianças para conversar e refletir juntas.

### 3.2.4 Quarto encontro: registro - materializando aquilo que acontece

Na data combinada, realizou-se o quarto encontro, recepcionando as professoras com um lanche revigorante. Pensando no Dia do Professor (15 de outubro) que acabara de acontecer, na sala também haviam expostos alguns recadinhos sobre a importância do professor.

Figura 22 - Recepção afetuosa pelo Dia do Professor



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Para iniciar o encontro, foi lida uma poesia de Manoel de Barros, intitulada “O menino que carregava água na peneira”, que fala sobre o momento da vida dele, ainda na infância, em que decidiu que queria brincar com as palavras e se tornar poeta.

A poesia revelou uma interessante importância que as palavras e a escrita podem ter na vida de cada um. Aproveitou-se o momento para conversar sobre as observações trazidas para esse encontro, a fim de ressignificar-se em registros.

Figura 23 - Compartilhando as observações

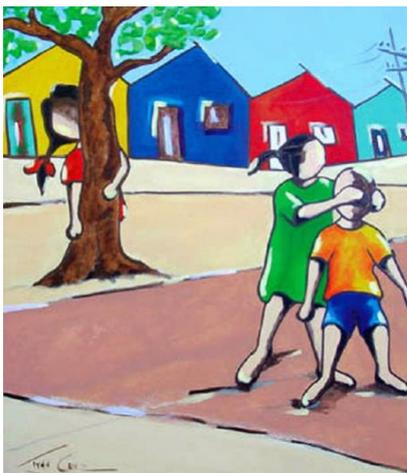


Fonte: Acervo da autora, 2022.

As professoras compartilharam alguns momentos ocorridos desde o último encontro, assim como a pesquisadora também compartilhou alguns registros seus e uma documentação pedagógica, com o intuito de ampliar o repertório das professoras junto à temática da pesquisa.

Nos momentos finais, a proposta era olhar atentamente para a imagem de uma obra do artista Ivan Cruz. Foi feito um questionamento às professoras: se fosse para registrar essa imagem, o que você escreveria? Em suas pinturas, as crianças não possuem os detalhes no rosto pintados para que cada um possa se identificar, trazendo à memória suas próprias vivências das brincadeiras de quando era criança.

Figura 24 - Obra "Esconde-esconde", de Ivan Cruz



Fonte: <https://smeduquedecaxias.rj.gov.br/smeportal/wp-content/uploads/2020/07/Eu-adoro-brincar.pdf>. Acesso em: 20 out. 2022.

Figura 25 - Registros das professoras sobre a obra de Ivan Cruz

Esconde-esconde, me remete a minha infância, uma das brincadeiras que eu costumava brincar, principalmente quando faltava energia no bairro, vivia uma festa.

↳ Brincadeira de infância "naiz".  
Na rua com os vizinhos.  
Daquelas que tínhamos apenas a hora de voltar p/casa.  
NA rua havia infinitas possibilidades... o pique-esconde, amarelinha, quide, pega-pega, corda-bola e tudo mais que a imaginação permitisse.

Na brincadeira de esconde-esconde há várias possibilidades, brinco muito com minhas crianças, até para que elas tenham a compreensão de que às vezes não vemos, mas que o que está "oculto" também existe. Exemplificando a mãe não está naquele momento, porém depois ela virá.

### Brincadeira de esconde-esconde

Casas coloridas, panelas douradas, rua tranquila, estrada de chão (terra).

Crianças brincando, avóta sua como hoje quase não se vê.

Me lembra da infância que eu gostava que todos pudessem ter.

A brincadeira esconde-esconde é uma das mais divertidas, ela passou por muitas gerações e segue firme até hoje. Qualquer lugar é o certo para brincar, quanto mais amigos melhor e ainda não se sabe todas as regras e sequências garante a diversão.

*Ao observar a obra, lembrei dos momentos em que brinco com meu filho, e principalmente de um momento específico em que ele se escondia atrás do sofá para comer a cobertura de um bolo.*

Fonte: Acervo da autora, 2022.

A experiência de elaborar diferentes percepções de uma mesma obra evidencia a autoria de cada professora participante da pesquisa. Para Benjamin (1986), uma narrativa tem em si ensinamentos de sua própria experiência. Pandini-Simiano (2015) complementa essa ideia ao elucidar que a experiência é a própria matéria-prima do narrador. Dessa maneira, ao documentar, o professor, como um narrador, coloca, mesmo que intencionalmente, a sua perspectiva daquilo que considera mais relevante.

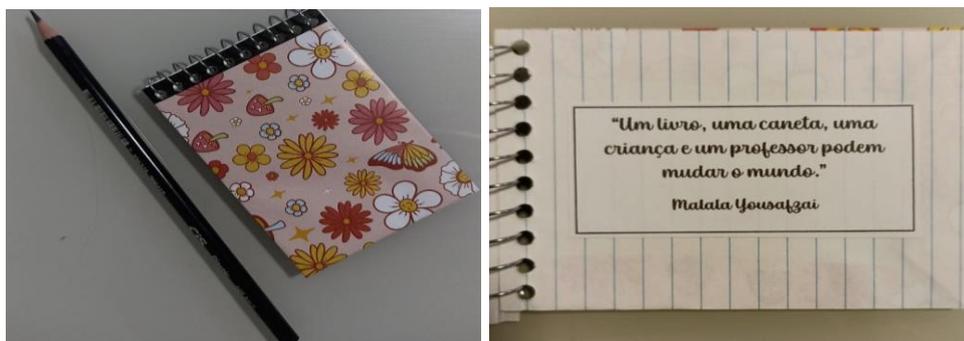
Ostetto (2018, p. 76) arremata essa ideia ao dizer que:

Narrar algo pressupõe escolhas. Contar uma história implica escolher o que parece mais importante ao narrador; por vezes, é pensar naquilo que, para ele, interessará mais ao leitor. Para professores e professoras, escrever sobre seu trabalho pedagógico é fundamental, pois significa contar sua história, traçar sua trajetória, comunicar certezas e incertezas, refletir sobre sua prática na relação com meninos e meninas no cotidiano educativo. Nesse processo, ao elegearem as importâncias do vivido que serão registradas, deixam suas marcas.

E por meio das provocações de olhar para a obra de Ivan Cruz, pôde-se refletir sobre a difícil tarefa de escolhas, de intencionalidades. Iluminar o conceito de narrador, de autoria, torna mais claro, também, o processo de documentar.

Ao final, após enriquecedoras discussões, foi entregue para cada professora um bloquinho e um lápis como um convite para registrar.

Figura 26 - Bloquinho e lápis: um convite para o registro



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Assim como os “óculos mágicos” deixaram uma tarefa, o bloquinho também. Cada professora deveria compartilhar um registro no próximo encontro, tentando responder à pergunta: o que eu quero contar/documentar?

### 3.2.5 Quinto encontro: interpretação e construção de narrativas

O quinto encontro foi o último realizado com o grande grupo antes das orientações individuais e da socialização final. Para receber as professoras nesse dia, além do lanche acolhedor e dos minutinhos para relaxar, foi entregue um mimo para cada uma.

Figura 27 - Recepção do quinto encontro



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Esses momentos iniciais deixaram a pesquisadora mais próxima das professoras e da pesquisa em si, pois não houve barreiras entre elas. Foi possível conversar e trocar muitas ideias.

Logo após, foi feita a leitura do livro “O alvo”, de Ilan Brenman, no qual o enredo é sobre um velho professor que sempre contava a história certa para a pessoa certa, na hora certa. Como ele conseguia? O segredo estava em se adaptar às situações e fazer desse movimento grandes lições.

Iniciando, de fato, o encontro, pôde-se lembrar dos fios que constituem a documentação pedagógica (observação, registro, interpretação e narrativa). Nesse momento, as professoras compartilharam seus registros.

Figura 28 - Os fios que constituem a documentação pedagógica



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Pensando no questionamento que encerrou o último encontro, foi possível compartilhar a respeito do obstáculo que é definir o que documentar. Mas como Lisboa (2019, p. 45) lembra, “quando iniciamos um processo de documentação pedagógica, temos uma primeira pergunta, mas no decorrer do caminho surgem outras perguntas na tentativa de encontrar as respostas”.

A professora Laura relatou que a etapa de escolha foi a mais difícil, pois estava com medo dos seus registros estarem muito simples. Nesse entrelaço de dúvidas, estar em um grupo que compartilha ideias e que caminha junto em busca de novos saberes torna-se um movimento potente para ressignificar a prática educativa.

Figura 29 - Trocas de vivências



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Alguns desses compartilhamentos são relatados a seguir: Maria, professora da turma de 2 a 3 anos, contou que seu maior interesse em documentar foi a questão cultural do idioma. *“Diego nasceu no Brasil, diferente dos seus pais e irmãos que também frequentam o C.E.I. De repente na casa dele ainda falam o espanhol porque ele está começando a misturar um*

*pouquinho os idiomas. Outro dia ele chegou comendo pão e quando entrou na sala me entregou dizendo: ‘No me gusta. Quiero agua’.*”

Ela percebeu que ele se sentia mais confortável para conversar quando as professoras também tentavam falar sua língua.

A professora Rosana, que atua com as crianças de 4 a 5 anos, também compartilhou desse sentimento e, por meio de suas observações, contou sobre um acontecimento que lhe chamou atenção após o último encontro: *“Eu coloquei um desenho na TV e passou um pedacinho de outro desenho em inglês, mas não era aquele que eu queria colocar. Observei que a Isabel falou assim: ‘Essa é a minha língua! Deixa, deixa que eu quero ver’. Ela estava entendendo”.*

Qual a relação dessas crianças com a linguagem materna? Quais outras línguas essas crianças têm? Como se pode valorizar esses aspectos? Tais questionamentos podem servir como um apontamento para o que documentar. Nessa perspectiva, finalizou-se o encontro com a “tarefa” de construir narrativas de pequenas histórias, construir documentações pedagógicas.

### **3.2.6 Sexto e sétimo encontros: orientação e elaboração das documentações**

Após o exercício de observar e registrar aquilo que inquieta, encanta e afeta, a partir do compartilhamento de ideias, foi possível estabelecer um quadro sobre os indicativos de possíveis temáticas a serem documentadas:

Quadro 5 - Temáticas a serem documentadas

<b>Professora</b>	<b>Temática a ser documentada</b>
Rosana	As outras linguagens de Isabel
Maria	A relação de Diego com sua língua materna
Carla	A relação da criança com a linguagem expressiva-
Laura	O brincar como forma de aproximar diferentes culturas
Talita e Viviane	Gestos de autonomia

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Partindo do quadro inicial para essa etapa da formação, optou-se por realizar os encontros individualmente. Durante dois encontros de mais ou menos 30min com cada professora, um presencial e outro virtual, houve um momento de conversar sobre os materiais coletados até aquele momento, revisitando-os e reorganizando-os.

Esse movimento foi importante para repensar, alinhar os detalhes e definir os últimos encaminhamentos para construir as narrativas, construir as documentações pedagógicas.

Algumas mudanças foram necessárias, como a ideia inicial das professoras Talita e Viviane documentarem juntas. Além disso, algumas temáticas também sofreram adaptações de acordo com o momento em que o próprio grupo de crianças estava vivenciando. Era final do ano letivo e muitas coisas aconteciam ao mesmo tempo.

Essas alterações só foram possíveis pelo contato entre pesquisadoras e professoras pensando juntas. De acordo com Kramer e Souza (2003, p. 147), “todo processo de criação acontece na história e é marcado por ela. Simultaneamente, todo processo de criação tem uma história singular em que se entrecruzam pessoas, eventos, diálogos”.

Todas as inquietações e ideias das professoras, que foram surgindo durante os encontros e até mesmo no dia a dia da instituição, contribuíram para as reflexões realizadas durante os encontros de orientação.

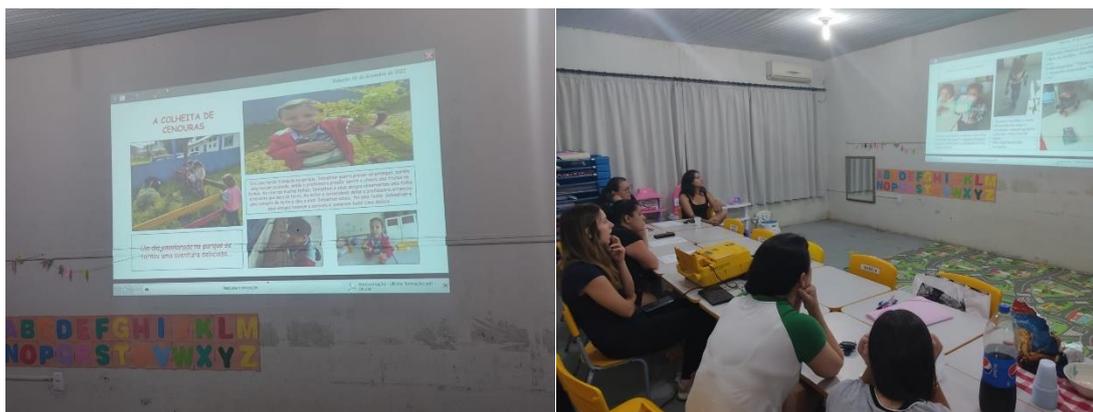
### **3.2.7 Oitavo encontro: exposição das documentações construídas e socialização final**

No dia 5 de dezembro, realizou-se um importante encontro com o grupo: o momento para compartilhar as documentações pedagógicas construídas ao longo do percurso formativo, momento para prestigiar os trabalhos, valorizar as narrativas e encantar-se nos detalhes.

Para iniciar o encontro, ouviu-se a canção “Amor para recomeçar”, de Frejat, que fala sobre a vida, recomeçando e se fortalecendo sempre que necessário. E é esse movimento que o grupo buscou fazer de maneira despretensiosa. Mesmo com muitos motivos para concluir um dia de trabalho e ir para casa encontrar sua família, descansar, as professoras dedicaram um tempo extra para discutir sobre a educação. Motivadas por inquietações, caminharam pelo percurso formativo junto com a pesquisa.

Logo após esse momento de reflexão e agradecimentos, o grupo se envolveu com as documentações. Cada professora leu sua documentação e compartilhou, brevemente, sua percepção sobre aquele momento eternizado.

Figura 30 - Compartilhando as documentações pedagógicas



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Posteriormente, cada professora recebeu uma carta (Anexo B) endereçada a elas. Nessa carta, elas foram convidadas para que escrevessem sobre suas impressões da formação, suas participações nos encontros, a temática abordada, os desafios encontrados e as contribuições para sua prática educativa. Ao finalizar o percurso formativo, o grupo se deparou com trajetórias e costuras distintas; cada sujeito presente com seu jeito único de ser, ver e viver o mundo.

Diante de tantas possibilidades, foi necessário selecionar e interpretar todo o material coletado: transcrições de áudios gravados durante os encontros, imagens fotografadas, as escritas das professoras e as documentações pedagógicas construídas. Para esse momento da pesquisa, estabeleceram-se as seguintes categorias de análise: a) desafios da educação intercultural; b) efeitos na relação com o outro; c) contribuições para a Educação Infantil na perspectiva intercultural.

São esses eixos que sustentam a pesquisa em busca por tematizar a documentação pedagógica e a educação intercultural na primeira infância.

#### 4 SELEÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: COSTURANDO O VIVIDO

*[...] é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.*

*Trecho de “Sou feita de retalhos”, Cris Pizzimenti*

No presente capítulo, pespontar-se-á<sup>6</sup> o processo vivido durante o processo de documentar, lançando olhares e analisando o percurso formativo. Para esse movimento, utilizar-se-ão como categorias os desafios da educação intercultural, os efeitos na relação com o outro e os entrelaçamentos da educação na perspectiva intercultural e a documentação pedagógica.

##### 4.1 DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Documentar é autoria. É uma costura de olhares minuciosos, observações, registros, reflexões e diálogos do vivido, trocas de ideias e experiências, produção de narrativas. Cezir tal processo é desafiador e não há receita a ser seguida. Nas incertezas, o conhecimento não é ganho pronto, mas é condutor para as construções de significados. Nesse contexto, a documentação pedagógica possibilita a criação e imprime os vestígios e marcas das professoras e professores envolvidos, como expresso nos relatos a seguir:

Figura 31 - Relato escrito por uma professora

12.09.2022

É muito importante a troca de ideias, informações e aprendizado.

As expectativas são sempre as melhores, pois a cada dia nos deparamos com inúmeros desafios, pois a educação infantil é desafiadora.

Na questão da documentação pedagógica (≡) já havia ouvido falar, porém não desta forma abrangente. Acredito que será bem interessante.

Fonte: Acervo da autora, 2022.

<sup>6</sup> Pespontar é a costura das bordas do tecido, de modo a realçar.

Refletindo sobre o aspecto da autoria e a escrita dessa professora, quando exprime a importância do diálogo e a troca com as colegas e refletindo sobre a possibilidade de superar os desafios que são encontrados no dia a dia da instituição educativa, evidencia-se a potência da documentação pedagógica para o processo de formação do professor. Documentar é “[...] construir conhecimentos e saberes em torno da prática. Lançar holofotes sobre os acontecimentos, sobre os encontros conosco e com o outro, narrando as experiências” (Lisboa, 2019, p. 27).

Em percurso formativo, em companhia, abre-se a possibilidade de revisitar o trabalho pedagógico, esboçar roteiros, pensar coletivamente e enriquecer as experiências para e com as crianças. Nesse processo, alguns desafios foram encontrados, como o acolhimento, a língua e as interações.

**Acolhimento:** atravessados por diferentes contextos, diferentes infâncias, em um mundo mais globalizado, a intercultura está cada vez mais presente nas instituições educativas. Nesse sentido, como acolher o outro? Como acolher as crianças com *background* migratório? Tais questionamentos são complexos, pois

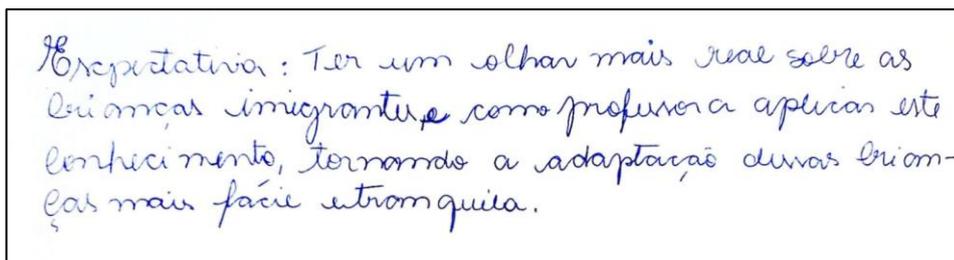
a infância é um período socialmente construído e deve ser compreendido como uma categoria estrutural, ou seja, uma parte da sociedade que se inter-relaciona com outras categorias como classe social, gênero, família, grupos de idade. Dessa forma, os diferentes arranjos afetarão a natureza da infância (Mendes; Pires; Russo, 2021, p. 608).

Nessa perspectiva, pensar nos percursos individuais, únicos de cada criança, bem como recebê-las, foi um apontamento que afligia as professoras participantes da pesquisa. A diretora da instituição, que acompanhou alguns encontros da formação, comentou:

*Essas crianças que vêm de Gana, Venezuela... É geral, essas crianças que estão vindo não têm uma rotina. É tão diferente. Na verdade, tudo cai muito de paraquedas na nossa mão. Quando tu veio ofertar essa formação, quantas escolas perderam esse momento. Quando vêm essas crianças imigrantes para nós, eu, enquanto gestora, já na hora da matrícula, tentamos nos colocar no lugar delas, tentamos simplificar, entender. É tudo muito jogado e quando tu ligou perguntando a quantidade de crianças imigrantes matriculadas, eu e a secretária refletimos, porque é algo que temos que saber. Quantas crianças a gente não sabe dizer quando veio, como veio. A conversa com os pais é complicada [sic] (Registro de campo da autora, 10/10/2022).*

Outra professora também expressou tal preocupação ao apontar a adaptação das crianças com *background* migratório como uma expectativa a ser superada em sua prática educativa:

Figura 32 - Relato que exprime as expectativas



Expectativa: Ter um olhar mais real sobre as crianças imigrantes e como professora aplicar este conhecimento, tornando a adaptação dessas crianças mais fácil e tranquila.

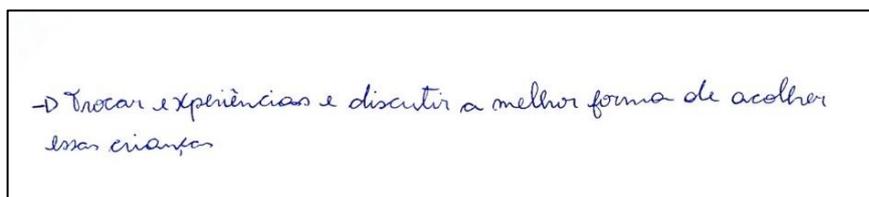
Fonte: Acervo da autora, 2022.

Diante dessas expectativas, cabe refletir sobre como acontece o processo de inserção. Qual a lógica da adaptação utilizada? Esse processo não deveria acontecer superficialmente, mas oportunamente para as pluralidades, no sentido de ser e conviver com as diferentes culturas.

A Educação Infantil é um lugar onde se cria e reproduz cultura. Lugar de encontro com a diversidade e a pluralidade de ideias, conhecimentos, experiências. Para Mendes, Pires e Russo (2021, p. 608), “[...] a identidade é um processo de criação de sentido pelos grupos, forjados no seio da cultura, e que precisam ser reconhecidos e valorizados na escola”. Mas esse não é um processo fácil, bem como acolher o novo, o diferente; e foi uma preocupação recorrente no percurso formativo.

Além do processo de acolhimento, a troca de experiências também foi um apontamento de uma professora, como segue abaixo:

Figura 33 - Relato sobre a preocupação com o acolhimento



→ Trocar experiências e discutir a melhor forma de acolher essas crianças

Fonte: Acervo da autora, 2022.

Como compartilhar experiência no contexto educativo? A documentação é uma narrativa que permite esse compartilhamento, tornando visíveis as experiências que muitas vezes acontece silenciosamente.

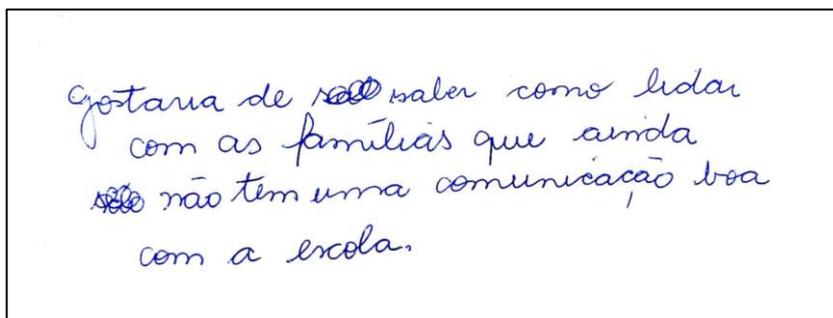
A documentação pedagógica se constitui em um entre visível e invisível, entre a voz e o silêncio. No gesto de observar, registrar, interpretar e narrar o professor pode ser um narrador. Atento ao mundo reconhece, valoriza e colhe preciosidades, as quais se não forem narradas, correm o risco de se perderem (Pandini-Simiano, 2015, p. 13).

Documentação em vídeos, imagens, painéis, objetos bidimensionais e tridimensionais, escritos... em todos os tipos, há um grande potencial para a troca de experiências entre as famílias, entre as crianças e entre as professoras e toda a comunidade educativa.

**Língua:** pensar nas identidades individuais e culturais que circundam o meio social é um processo que pode gerar muitas indagações. Santiago (2021, p. 1005) aponta que o desafio intercultural “[...] é poder manter a diversidade unida, o respeito a diferentes necessidades e apontar as semelhanças compartilhadas pelos seres humanos”. Nesse sentido, compreende-se que unir as diferenças e as semelhanças, no espaço da Educação Infantil, também é uma costura que envolve, diretamente, a participação das famílias, pois as questões interculturais dizem respeito a todo o conjunto da sociedade.

Durante o percurso formativo, foi possível refletir sobre como se está preparado para acolher as diferenças entre crianças e famílias. A comunicação foi uma “barreira” encontrada por algumas professoras, como relatado a seguir, quando perguntado sobre as expectativas:

Figura 34 - Relato sobre a preocupação com a comunicação



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Além de ser um meio de transmissão de ideias, pensamentos e discussões, a comunicação é uma troca de saberes que promove as relações humanas. Comunicação é uma oportunidade de enriquecimento recíproco. Os impactos da comunicação também revelam questões da intercultural, afinal “dentro de uma comunidade, que é um efeito da linguagem, mas que também a produz, encontramos um constante processo de nomeação, de reconhecimentos e de não reconhecimentos” (Gomes; Nascimento; Sousa, 2021, p. 6).

A comunicação entre as famílias e a instituição educativa afeta diretamente o estabelecimento (ou não) das construções culturais. O relato da professora acima pode revelar que a boa comunicação nessa instituição com as famílias com *background* migratório ainda é um obstáculo a ser superado, mas que há essa preocupação, pois é um fator muito importante.

Ainda pensando no aspecto da língua e da comunicação, ao desenvolver uma conversa sobre a autoformação, a reflexão da prática docente e a reorganização de conhecimentos sobre o outro e sobre as professoras - possibilitadas pela documentação pedagógica – a professora Laura compartilhou um pouco mais sobre suas vivências:

*Quando o Juan chegou, eu vivia com o celular na mão, no Google tradutor, tentando conversar com ele, porque eu realmente não conseguia. Têm palavras que em português são parecidas, mas têm outras... quando ele [Juan] disse que cepillo era escova de dentes, eu tive que pesquisar para tentar deixar o ambiente melhor pra ele. Quando eu preciso passar algum recado [para a família], eu fico até com vergonha. É quase como se comunicar em LIBRAS, gesticulando, mas ainda estou procurando melhores formas de fazer. Prefiro conversar com a mãe pelo celular porque eu sei que ela vai conseguir traduzir [sic] (Registro de campo da autora, 07/11/2022).*

A tecnologia é uma grande aliada, mas ainda assim foi necessário esperar pela atitude da mãe de traduzir as mensagens. Apesar de se estar no Brasil e o português ser a língua materna, como ser mais empático com os que chegam aqui? Como reconhecer e valorizar as diferenças de idioma e cultura? Pandini-Simiano (2015, p. 121) destaca que “a criança não transmite o mundo, mas, sim, sua relação com este, a qual é indissociável de sua relação com a linguagem”.

E se as professoras passassem por essa situação, de se sentir estrangeiro em algum momento de sua vida, como seria? Ao fazer esse questionamento, a professora Viviane relatou que morou por um tempo em Aracaju – Sergipe. Sua filha nasceu em Santa Catarina, mas estava em conflito porque adquiriu o sotaque do novo estado e em casa os termos falados eram muito diferentes:

*Muitas das coisas eu tive que ensinar pra ela. Duas formas de falar, porque em casa a gente aprende uma coisa e fora ela ia ter outra. Assim como eu tive dificuldade, ela ia ter também. Então eu falei bastante que em casa eu falava assim, na cultura de Santa Catarina é assim, é a minha cultura, mas na escola é de outra forma (Registro de campo da autora, 12/09/2022).*

Ela se pegou refletindo se fez o correto nesse processo. A professora Carla complementou: “*Se já foi difícil para vocês que mudaram de estado, imagina quem vem de outro país*” (Registro de campo da autora, 12/09/2022).

Por meio de tais conversas, é possível observar que as professoras sinalizam a necessidade da empatia, de se colocar no lugar do outro, mas como instituir esse respeito e valorização das diferenças no dia a dia? Santiago (2021, p. 1004) possibilita enriquecer essas discussões ao destacar que:

A escola e a educação devem transmitir a ideia não de uma identidade imutável, fechada em si mesma, mas de uma identidade narrativa, que cresce e se desenvolve. A identidade narrativa não é definida por ser sempre igual a si mesmo, mas por reconhecer diferenças; não permanecendo imóvel e fechada para os outros.

Ter a consciência das diferenças permitiu a elas se reconhecerem como estrangeiras em vários momentos de suas vidas. O ato de refletir sobre tais questões durante o percurso formativo se mostrou como uma abertura para as professoras desejarem melhorar suas práticas de acolhimento com as crianças e suas famílias.

**Interações:** em um momento de reflexão sobre a alteridade, questionou-se: vocês já presenciaram alguma situação que envolve as diferenças? Algo que lhes chamou atenção? A professora Laura respondeu:

*A questão da fala... a Helena percebeu a fala do Juan. Ela percebeu que eu estava falando com ele daquele jeito [em espanhol], porque eu cumprimentava ele com 'bom dia' na língua dele. Ela perguntou: 'Por que tais falando com ele assim tia Laura?' Agora eles [crianças] já estão acostumados [sic] (Registro de campo da autora, 10/10/2022).*

Diante do exposto, a pesquisadora, intrigada, perguntou se as crianças o tratam diferente, e a professora Laura completou: “*Ele ainda brinca mais sozinho*” (Registro de campo da autora, 10/10/2022).

O “buenos dias” da professora Laura e seu esforço em valorizar, acolher e inserir Juan no grupo oportunizou um momento importante de interação. De acordo com as próprias professoras, Juan era um menino tímido. Nascido na Venezuela, chegou ao Brasil em 2022, ano da realização do percurso formativo. Após a tarefa de observar as crianças com os “óculos mágicos”, a professora Carla, que atua na mesma sala da professora Laura, relatou:

*Eu tenho notado que o Juan tem se relacionado melhor. Até procurei observar isso melhor essa semana e diferente do que a gente [Carla e Laura] tinha observado no começo, ele está conseguindo interagir um pouco mais. **Eu noto que ele quer muito se comunicar, contar as coisas dele, o que ele faz em casa.** Quando eu chego, no horário que eles [crianças] acordam, após o almoço, eles ficam 'afobados', querendo me contar as coisas e o Juan também está assim, querendo conversar bastante. No parque ele me perguntou sobre a minha filha. Quando ele subiu no escorregador, lá de cima, ele perguntou: 'Tia Carla (puxando a letra L), su hija?' Respondi que ela estava na escola. Daí ele perguntou: 'Tu hermana?'. Está em casa. Ele pergunta sobre as minhas coisas particulares e sempre quer contar o que acontece em casa. Eu noto que ele não perde o espanhol e nem a cultura deles, mas ele tem agregado conhecimentos que a gente traz em sala de aula. Às vezes eu pergunto como fala alguma palavra em espanhol e ele pronuncia (Registro de campo da autora, 17/10/2022).*

A abertura promovida pela professora Carla fez Juan ampliar sua comunicação. Tal reflexão sobre a importância desse momento foi possível por meio do ato de observar com os olhos “do olhar sensível”. O início do processo de documentar acontece com a observação e escuta. Esse movimento possibilita perceber as crianças com mais atenção. As crianças pedem para ser vistas e ouvidas,

pedido de abertura ao inesperado, à surpresa, à poesia. Ao frescor da novidade trazida ao mundo pelas crianças. [...] assim, é necessário romper com a obviedade, estabelecer outras prioridades e importâncias. Sorrisos de contentamento, olhares curiosos, pequenos gestos, desenhos, expressões podem se tornar preciosidades (Pandini-Simiano, 2015, p. 59).

A comunicação de Juan foi se desenvolvendo à medida que eram oportunizados momentos de troca, de diálogo, de interações, sem anular sua cultura e sua história, mas costurando novas possibilidades nessa trama, com os elementos da língua materna, da observação atenta e do olhar sensível.

A educação institucionalizada é cheia de pluralidades: a cultura, a idade, a “bagagem” familiar, a forma como as crianças conhecem e experimentam o mundo, o acolhimento para as diferenças, as diversas línguas e as interações. Os desafios encontrados exprimem, mesmo que sem intenção, a necessidade da educação intercultural, uma educação que respeite as diferenças.

#### 4.2 EFEITOS NA RELAÇÃO COM O OUTRO

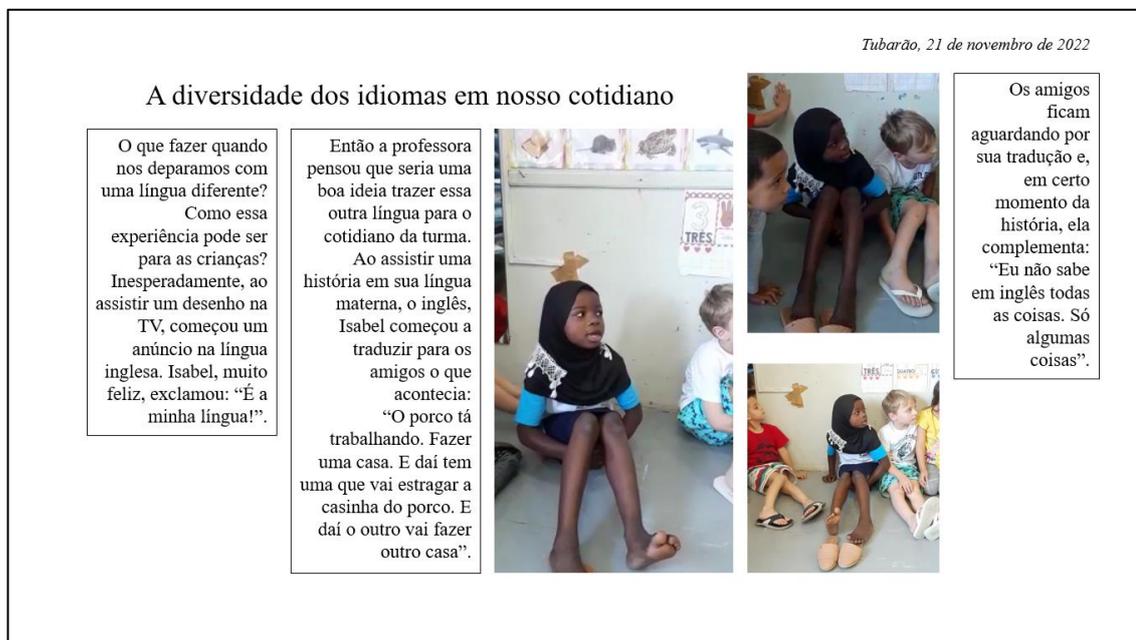
No decorrer da formação, as professoras participantes da pesquisa produziram documentações pedagógicas que narram sobre algumas experiências do cotidiano educativo. Esse material também serviu como locus de investigação e análise no processo de tematizar a documentação pedagógica e a educação intercultural na primeira infância.

Fruto das construções históricas e sociais, a concepção de criança e infância sofreu modificações. Atualmente, as pesquisas e discussões apontam as crianças como produtoras de cultura. A imagem do professor também vem se modificando, entende-se que ele não é o detentor do conhecimento. Nesse sentido, as crianças criam novos sentidos, novos significados e novos conhecimentos.

Isabel, que indiretamente apareceu com frequência nos encontros do percurso formativo, tem um histórico de já ter residido em outro município brasileiro e frequentado outras instituições de Educação Infantil, tem inglês como sua língua materna. Sua professora ficou encantada com a sua facilidade em compreender um idioma que pode parecer tão difícil

para os brasileiros, além das possibilidades de interação com as outras crianças da turma que esse idioma proporcionou. Por isso, construiu a documentação pedagógica intitulada “A diversidade dos idiomas em nosso cotidiano”, que segue abaixo:

Figura 35 - Documentação "A diversidade dos idiomas em nosso cotidiano"



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Isabel, em uma posição ativa, detentora do seu conhecimento, criou outras narrativas a partir de uma proposta inesperada: um anúncio na televisão. A professora Rosana, mediadora nesse momento de novas aprendizagens, com um olhar atento e sensível, percebeu tal experiência e fez desse momento uma oportunidade para a troca de experiências e culturas.

[...] a cultura nos remete ao jogo entre identidade e diferença é preciso incluir mais uma peça essencial nesse tabuleiro: a tradução. Identificamo-nos traduzindo a diferença em algo comum para nós; o diferente é aquilo que permanece intraduzível, o que escapa da assimilação. A tradução, por sua natureza, se esforça por transformar o diferente [...] (Gomes; Nascimento; Sousa, 2021, p. 12).

A educação é uma costura da criação e da reprodução de cultura. No encontro com o outro, não dominar uma língua pode ser um caminho de interações e descobertas.

A professora Maria, com um olhar atento, também percebeu a questão da língua utilizada por Diego, uma língua construída em duas vias:

Figura 36 - Documentação "Uma visita nada comum"



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Diego, nascido no Brasil, filho de venezuelanos, tem o espanhol como língua materna e o português como segunda língua. O fato de Diego não ter vivenciado, diretamente, a migração permite precisa “[...] enfrentar o desafio da conciliação de dois mundos culturais diversos” (Silva, 2021, p. 546).

Por meio dessa documentação pedagógica, é possível analisar que “no hay cola” poderia significar que o ratinho não possuía rabo ou a ausência de cola escolar para fixá-lo. “Olha como ele anda!” Diego transita entre o português e o espanhol com facilidade. A dualidade dos idiomas não ausenta sua cultura materna, mas amplia a dinâmica da turma de maneira espontânea.

Diego é uma criança. É produtor de cultura. Sua interação com as pessoas e com o meio, envolvendo sua língua materna, revelam um potente exemplo de interculturalidade.

Pelas lentes de Lisboa (2019, p. 21),

as crianças têm a capacidade de fazer escolhas, de ter iniciativas, de agir de acordo com sua intencionalidade, de produzir cultura, de interferir no espaço em que está inserida. Inter-relaciona-se com seus pares, com os adultos e com o espaço, influenciando e sendo influenciada pela cultura e pela sociedade.

As crianças utilizam suas realidades e suas experiências de mundo para criar e se apropriar de novas formas de interpretar o cotidiano. Nesses fios de experiência, todo o grupo de crianças produz novos sentidos de ser e pertencer.

A professora Laura também documentou um momento de ampliação e enriquecimento da interação da turma ao trazer Juan como protagonista desse processo. Juan foi citado na costura da trama investigativa como um menino que estava deixando sua timidez de lado e assumindo papéis cada vez mais ativos:

Figura 37 - Documentação "Hora da sopa"

Tubarão, 21 de novembro de 2022

Hora da sopa



Uma luva, um prato de isopor: o que posso fazer?

Ao chegar no parque Juan encontra uma luva plástica que logo coloca na mão e um prato de isopor. Quando pergunto o que vai fazer ele responde:  
- Estou fazendo sopa!  
Depois fala:  
- Vou colocar no refrigerador! Está quente.







- Quem quer sopa? Quem quer sopa?  
Questionou Juan.  
Logo, os amigos foram chegando para provar essa deliciosa comidinha.

Fonte: Acervo da autora, 2022.

Prato de isopor, luvas e muita imaginação. Refletindo sobre a autonomia, os tempos e espaços ofertados às crianças são capazes de fortalecer a concepção de sujeitos de direitos. O

“lixo” esquecido no parque ganhou novos significados nas mãos de Juan, que convocou ao estabelecimento de novas relações entre seus colegas ao oferecer “sopa” para todos.

O espaço potencializa a educação. Mas, é o olhar, a conversa, o toque, o sorriso, a brincadeira, as relações e as experiências que transformam o espaço da creche em lugar de viver a infância, não uma infância qualquer, mas uma infância inteira, completa, uma infância em plenitude (Pandini-Simiano, 2014, p. 9).

Encontra-se nessa documentação a imagem de criança criativa, imagética e potente. A nacionalidade dessa criança não é limitadora, pois nas mãos de Juan tudo é possível. Perceber tal riqueza e documentá-la evidenciam a prática docente na Educação Infantil como um lugar possível e privilegiado de viver a intercultura.

#### 4.3 A EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA INTERCULTURAL E A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: ENTRELACAMENTOS

O processo de documentar, ao longo do percurso formativo, movimentou as professoras na busca por observar, registrar, interpretar e narrar. Nesse sentido, reflete-se sobre em quais medidas o processo de documentação pedagógica contribuiu para as práticas educativas das professoras.

A professora Maria, ao finalizar o último encontro, relatou:

*Quando o Diego chegou na escola, eu estava de licença. Quando eu voltei, ele já estava havia umas duas semanas e eu nunca recebi uma criança de outro local. Não sei se é porque no começo ele [Diego] pouco falava, mas logo a diretora veio falar sobre a formação e no início eu até pensei que era um curso para aprender espanhol. Achei que era algo nesse sentido. E com a formação, eu senti mais interesse em procurar entender o que ele fala, então comecei a fazer um curso de espanhol pelo YouTube. A formação me despertou para buscar outros conhecimentos. Buscar sempre melhorar, estar sempre se atualizando (Registro de campo da autora, 05/12/2022).*

Em um primeiro momento, a professora achou que a formação estava direcionada para a aprendizagem da língua espanhola, pois a diferença dos idiomas era uma dificuldade que ela encontrava. Após perceber que o direcionamento da formação era outro, ainda assim continuou participando dos encontros e se sentiu motivada a buscar outros conhecimentos.

No processo de documentar, o compartilhar dos registros, os diálogos, as trocas entre seus pares, além de ampliar os olhares por um processo de interpretação e reflexão, permitem que as professoras se sintam valorizadas, suas vozes escutadas e seus trabalhos visibilizados (Lisboa, 2019, p. 91).

Mesmo com uma temática diferente, na companhia com o outro, foi possível criar e ampliar conexões, hipóteses, saberes e fazeres da prática educativa. Nesse sentido, ainda ao final dos encontros, convidei as professoras para escrever um pouco sobre suas vivências e percepções durante o percurso formativo, relatando, além de outros aspectos, como aconteceu o processo de olhar, registrar, interpretar e narrar os desafios encontrados e as contribuições para suas práticas com as crianças e também para sua formação. Sobre essa temática, tem-se o relato a seguir:

Figura 38 - Relato de uma professora participante da pesquisa

Foi uma experiência muito incrível, no início  
 achei tratar de um curso sobre como acolher e  
 trabalhar com crianças de outros locais e países.  
 Sempre procuro participar, pois acredito  
 que quando estamos participando e interagindo  
 a aprendizagem se torna mais significativa.  
 A física tornou todos os encontros bastante  
 dinâmicos e não foram cansativos, apesar  
 de nós termos exaustos.  
 Ter um novo olhar para as nossas crianças,  
 registrar, interpretar faz parte de nossa função  
 como educador. Às vezes se perde na  
 correria diária.  
 Acredito que abrir os nossos olhos para  
 essa sensibilidade que precisa existir, observar  
 e estar presente é de fundamental importância,  
 registros e anotações já fazem parte  
 da minha vivência como professora, mas de  
 agora em diante o olhar será mais sensível  
 e acolhedor.

Fonte: Acervo da autora, 2022.

É interessante ler que o registro já estava presente na prática dessa professora, mas acontecia de maneira mecânica. Ao participar dos encontros, a percepção e entendimento sobre o que é a documentação pedagógica, nas palavras da professora, “abriram seus olhos” para algo tão fundamental e importante em sua prática. Destaca-se que documentar e registrar não são o mesmo processo, e nem são sinônimos, mas derivados; um precisa do outro para acontecer. O

registro captura fragmentos do vivido (Pandini-Simiano, 2015) e pode ser feito em forma de vídeos, gravações de áudio ou até anotações das professoras. Pode parecer um processo “simplório”, mas é fundamental para que a documentação pedagógica ganhe vida.

E sobre o abrir de olhos que a professora relatou acerca do registro, apresenta-se a escrita de outra professora a respeito da observação e do olhar atento:

Figura 39 - Relato sobre a importância do olhar

3 - Foi muito válido parar para observar e registrar as narrativas. Às vezes, com a rotina, perdemos o "olhar sensível" para as situações.  ~~voltar~~ resgatar esse olhar foi importante.

4 - Treinar e resgatar o "olhar sensível" para as situações do cotidiano.

5 - A maior contribuição foi voltar a observar melhor a turma.

Fonte: Acervo da autora, 2022.

As crianças não aprendem somente na “hora da atividade”, mas através de todo o contexto cultural e social. Assim, descobrem e transformam o mundo à sua volta. No cotidiano, trabalhando e convivendo com as crianças, muitas coisas acontecem e, pela correria do dia a dia, podem passar despercebidas. Resgatar o olhar sensível para observar as crianças foi um processo bastante debatido durante os encontros da formação com as professoras, pois além de ser um fio que compõe a documentação pedagógica, pode ser aliada à prática educativa.

Nesse sentido, cabe destacar que não se está falando de olhar aquilo que é aparente; nas palavras de Lisboa (2019, p. 25), esse olhar precisa ser sensível, “[...] que ultrapasse o muro das aparências, que tenha sutileza e estranhamento, ou seja, que não focalize uma coisa só ou que não busque ver somente o que lhe convém, o que é comum, o que não é estranho. O olhar vai além do que é visto”.

Esse processo também auxiliou na construção de um outro olhar para as crianças com *background* migratório e para a educação intercultural, fazendo com que se buscassem alternativas para as crianças serem melhor acolhidas, como relatado no trecho a seguir:

Figura 40 - Relato sobre a importância dos encontros

Amiei a forma como os encontros e os conteúdos foram abordados, isso me fez repensar e pesquisar mais sobre como eu poderia acolher as crianças e também, isso me fez ver outros ~~outros~~ formas de documentar a prática na Educação Infantil.

Fonte: Acervo da autora, 2022.

A preocupação com a melhor forma de receber as crianças foi um aspecto já apontado anteriormente. O trajeto da formação, com as discussões, os embasamentos teóricos, músicas, poesias, trocas, a acolhida, levou as professoras a buscarem também acolher.

A educação nas instituições educativas deve educar as crianças para uma abertura internacional para o mundo comum em que vivem e é o ambiente de todos. Partir dessa convicção implica que devemos ter em mente muitos aspectos sobre os quais é necessário refletir, insistir e trabalhar juntos (Santiago, 2021, p. 1004).

Tal movimento é resultado da pesquisa junto às professoras em prol de uma educação intercultural e, por meio da documentação pedagógica, com todos os seus fios e desafios, as professoras puderam refletir sobre suas práticas educativas.

Além disso, outro ponto que se pode destacar sobre a importância dos encontros e que faz uma costura com a educação na perspectiva intercultural é a busca pelo conhecimento. Nas palavras de Silva (2021, p. 555),

A educação na perspectiva intercultural é um percurso por etapas, cujas experiências realizadas devem ser aperfeiçoadas e ampliadas de ano a ano, considerando a realidade na qual se desenvolvem, as mudanças no contexto social em que a creche e a pré-escola estão inseridas.

A sociedade está em constante movimento e transformação e é importante que as práticas educativas não fiquem estáticas, mas se tornem adequadas para tais mudanças.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ACABAMENTOS QUE FORTALECEM A COSTURA

*[...] e a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados... Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.*

*Trecho de “Sou feita de retalhos”, Cris Pizzimenti*

Por meio desta pesquisa e do percurso formativo junto às professoras, buscou-se investigar as possibilidades de entrelaçamentos entre a documentação pedagógica e a promoção de uma educação intercultural na Educação Infantil. É importante ressaltar que a pesquisadora não esteve sozinha: orientadora, autores, professoras, familiares, amigos, sujeitos da pesquisa e as crianças que estiveram presentes constituem esta costura.

Cerzindo o método como desvio, após oito encontros da formação, somados a muitas leituras e reflexões, foi possível reafirmar o conceito de criança associado ao seu lugar de ocupação na sociedade e a infância como um conceito social e historicamente construído. No Brasil, as lentes eurocêntricas de ver e viver a infância influenciaram a perspectiva educacional e a Educação Infantil teve seu início atravessado pelas características assistencialista e higienista. Pouco a pouco, pesquisas são realizadas e tais concepções estão sendo superadas.

Com a coexistência de diferentes culturas, valores e histórias, deparou-se com a necessidade de repensar as demandas educativas. Em uma perspectiva intercultural, a Educação Infantil precisa ser um lugar que valoriza e respeita as diferenças e as singularidades, fazendo dessas uma oportunidade de crescimento mútuo. Nesse sentido, revisitou-se também o conceito de alteridade, de modo a refletir o quanto uma pessoa afeta e é afetada pelo outro.

Esclarecidas tais concepções, a principal pergunta que moveu esta pesquisa foi: em que medida o gesto de documentar a alteridade pode contribuir para a educação intercultural na primeira infância? Em busca da resposta para essa questão, os fios que sustentam esta pesquisa partiram de uma metodologia com abordagem qualitativa, pautada no método como desvio (Benjamin, 1986), articulando o conhecimento empírico e o teórico.

Para ir ao encontro dos sujeitos da pesquisa, um dos primeiros passos foi encontrar o campo de investigação. Deparou-se com pouquíssimas informações do órgão responsável pelo ensino do município. Esse pouco é ambíguo, pois reflete o lugar que essas crianças ocupam: a criança imigrante duplamente menor (Elhajji; Paraguassu, 2021). Menor no sentido de fragilidade e minoria social.

Diante de tal obstáculo, as 29 instituições de Educação Infantil foram contatadas por telefone e só então foi possível eleger o campo de pesquisa. Nos encontros com as seis professoras que atuam com crianças com *background* migratório (Silva, 2021), foi proposta a construção de documentações pedagógicas como uma possibilidade de visibilizar as experiências educativas. Documentar perpassa pelas práticas da observação, registro, interpretação e narrativa; esses processos estão entrelaçados e foram compartilhados ao longo dos oito encontros do percurso formativo. Ainda nesse tempo e espaço, as professoras puderam compartilhar suas experiências diárias. E assim, encontro a encontro, buscou-se investigar as possibilidades de entrelaçamentos entre a documentação pedagógica e a promoção de uma educação intercultural.

Nessa costura, ao *identificar os desafios da educação intercultural por meio do gesto de documentar a experiência educativa*, perceberam-se as preocupações e anseios das professoras direcionadas para o acolhimento, a língua e as interações. Nessa perspectiva, pensar nos percursos singulares, únicos de cada criança, bem como recebê-las, foi um apontamento que afligia as professoras participantes da pesquisa.

Ainda outro grande desafio que se colocou aos sujeitos da pesquisa foi assumir-se como autora documentação pedagógica. Criar, imprimir marcas e estar na condição de narradora se constituíram um desafio para as professoras.

Uma professora participante destacou que “[...] a cada dia nos deparamos com inúmeros desafios, pois a Educação Infantil é desafiadora”. E a educação é assim mesmo! Por isso, entende-se a importância de as professoras observarem os desafios e refletirem suas ações educativas, além da necessidade de uma educação que acolhe as diferenças e oportuniza a troca de experiências sem modificar as singularidades dos sujeitos, uma educação intercultural.

Buscou-se, também, *pesquisar o processo de documentar e os possíveis efeitos na relação com o outro* por meio das documentações que narram sobre experiências do cotidiano educativo. Foi documentada a intencionalidade pedagógica ao proporcionar momentos significativos de protagonismo das crianças com *background* migratório, a valorização da cultura materna e os espaços e tempos potentes ofertados às crianças.

Ao longo das discussões foi possível lançar os holofotes para a necessidade de ver e ouvir as crianças para além do que o olho enxerga e do que os ouvidos escutam. Como exemplo, pode-se citar que a barreira com a língua interferia de modo negativo no acolhimento, comunicação e relação com as crianças e as famílias. No gesto de documentar, no encontro com o outro, não dominar uma língua pode ser ressignificado. Mais que uma barreira, pode ser visto como um caminho de interações, descobertas e aprendizagem recíproca. Ao participar dos

encontros, a percepção e entendimento sobre o que é a documentação pedagógica, nas palavras da professora, “abriram os olhos”, permitindo reconhecer o espaço da educação infantil como um lugar possível e privilegiado de viver a intercultura, um lugar de produção, lugar que pode proporcionar novas maneiras de olhar o mundo.

*Ao analisar em que medida o percurso de formação de professores, pela via da documentação pedagógica, contribui para a promoção de uma educação intercultural na Educação Infantil, considerou-se que foi um processo de enriquecimento recíproco. Revisitando os registros das professoras, encontrou-se no ato de documentar uma oportunidade para a troca de saberes e fazeres, além do resgate da sensibilização, a autoria e visibilidade das práticas educativas e, mesmo com os desafios, a busca pelo conhecimento.*

Pensando na documentação pedagógica como contribuinte para a promoção de uma educação intercultural na Educação Infantil, conclui-se que a prática de documentar subsidiou e ressignificou o modo como as professoras participantes da pesquisa olham para as especificidades do contexto educativo, para as crianças que lá estão e suas diferentes infâncias. Esta pesquisa não tem um arremate final, pois a cada dia as professoras são atravessadas pelos fluxos migratórios e pela necessidade de refletir sobre as demandas educativas. Essas são as considerações tecidas para este tempo de estudo.

## REFERÊNCIAS

- ALEMAGNA, Beatrice. **O que é uma criança?** Tradução de Monica Stabel. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARROS, Manoel de, 1916-2014. **Meu quintal é maior do que o mundo.** 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política.** Obras Escolhidas I. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 08 ago. 2022.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 08 ago. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. Lei n. 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. **Diário Oficial da União.** Brasília, 25 de maio de 2017. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/113445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113445.htm). Acesso em: 28 jul. 2022.
- BUSSOLETTI, Denise; MOLON, Susana Inês. Diálogos pela Alteridade: Bakhtin, Benjamin e Vygotsky. **Cadernos de Educação- FaE/PPGE/UFPel,** Pelotas, v. 37, p. 69-91, set./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1580/1466>. Acesso em: 28 jul. 2022.
- CAMPOS, Maria Malta. Infância como construção social: contribuições do campo da Pedagogia. In: VAZ, Alexandre Fernandes; MOMM, Caroline Machado (org.). **Educação infantil e sociedade: questões contemporâneas.** Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012. p. 11-20.
- CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu de; SILVA, Bianca Guimarães. **Relatório Anual OBMigra 2022.** Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2022. Disponível em: [https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra\\_2020/OBMigra\\_2022/RELAT%C3%93RIO\\_ANUAL/Relat%C3%B3rio\\_Anuual\\_2022\\_-\\_Vers%C3%A3o\\_completa\\_01.pdf](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/OBMigra_2022/RELAT%C3%93RIO_ANUAL/Relat%C3%B3rio_Anuual_2022_-_Vers%C3%A3o_completa_01.pdf). Acesso em: 16 out. 2023.

COLASANTI, Mariana. A moça tecelã. *In: Um espinho de marfim e outras histórias*. Porto Alegre: L&PM, 2009. Disponível em:

<https://www.angatuba.sp.gov.br/public/admin/globalarq/uploads/files/SUGEST%C3%83O%20DE%20LEITURA%20DI%C3%81RIA%20-%20A%20MO%20C3%87A%20TECEL%C3%83%20-%20205%C2%BA%20ANO.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CRIS Pizzimenti: sou feita de retalhos. **Revistaconsciencia**, 2017. Disponível em: <https://revistaconsciencia.com/sou-feita-de-retalhos/>. Acesso em: 19 jul. 2023.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 1999.

ELHAJJI, Mohammed; PARAGUASSU, Fernanda. Infância e estrangeiridade: duas alteridades, a mesma minoridade. **Zero-a-seis Revista eletrônica**, Florianópolis, v. 23, n 43, p. 398-420, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/72762>. Acesso em: 22 jul. 2022.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GOMES, Rita Helena Sousa Ferreira; NASCIMENTO, Eliandro Antônio do; SOUSA, Marília Albuquerque. Narrando a diferença na educação intercultural. **Revista Educativa**, Goiânia, v. 24, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/8490>. Acesso em: 23 maio 2023.

GUIMARÃES, Onileda de Souza Matta. **O processo de documentação pedagógica em uma experiência formativa com professoras na educação infantil: um encontro com o princípio ético**. 2019. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2019. Disponível em: [https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/3574/1/148\\_Onileda%20de%20Souza%20Matta%20Guimar%c3%a3es.pdf](https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/3574/1/148_Onileda%20de%20Souza%20Matta%20Guimar%c3%a3es.pdf). Acesso em: 08 ago. 2022.

KOHAN, Walter Omar. Infância e Filosofia. *In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEIA, Maria Cristina S. de (org.). Estudos da Infância: educação e práticas sociais*, 2009. p. 40-61.

KOHAN, Walter Omar. **Infância: Entre educação e filosofia**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

KRAMER, Sonia; SOUZA, Solange Jobim. **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo: Ática, 2003.

KUHLMANN Jr. Moisés; FERNANDES, Fabiana Silva. Infância: construção social e histórica. *In: VAZ, Alexandre Fernandez.; MOMM, Caroline Machado (org.). Educação infantil e sociedade: questões contemporâneas*. Nova Petrópolis, RS: Nova Harmonia, 2012. p. 21-38.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002.

LISBOA, Anna Carla Luz. **O processo de documentação pedagógica em uma experiência formativa na educação infantil**: um olhar para a dimensão estética. 2019. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2019. Disponível em:

[https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/15252/1/147\\_Ana%20Carla%20Luz%20Lisboa.pdf](https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/15252/1/147_Ana%20Carla%20Luz%20Lisboa.pdf). Acesso em: 23 abr. 2022.

MARGOTTI, Gláucia Guarezi. **Ler com os bebês**: um olhar para o que contam as documentações pedagógicas sobre a docência e as interações das crianças bem pequenas com o objeto livro. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2021. Disponível em:

<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/21426>. Acesso em: 12 jun. 2022.

MELLO, Suely Amaral; BARBOSA, Maria Carmen Silveira (org.); FARIA, Ana Lúcia Goulart de (org.). **Documentação pedagógica**: teoria e prática. 1. ed. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2017. v. 1.

MENDES, Leila Carvalho; PIRES, Luciana Alves; RUSSO, Kelly Cristina de Souza. As diferentes infâncias que habitam a escola: brincadeiras, territórios e a importância da escola no acolhimento de crianças em situação de imigração na escola pública brasileira. **Inter-ação**, v. 46, p. 607-623, 2021. <https://doi.org/10.5216/ia.v46i2.67913>.

MENDES, Márcia Regina. **Documentar na educação infantil**: um olhar sobre um percurso formativo com professoras na creche. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2022.

Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/32335>. Acesso em: 12 jun. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 9-30.

OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de. **Do outro lado**: a infância sob o olhar de crianças no interior da creche. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/81742>. Acesso em: 22 mar. 2023.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Educação Infantil**: Saberes e fazeres da formação de professores. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Registros na educação infantil**: Pesquisa e prática pedagógica [livro eletrônico]. Campinas, SP: Papyrus, 2018. Disponível em:

[https://www.amnoroeste.org.br/uploads/1535/arquivos/1643439\\_Ostetto.pdf](https://www.amnoroeste.org.br/uploads/1535/arquivos/1643439_Ostetto.pdf). Acesso em: 15 ago. 2022.

PANDINI-SIMIANO, Luciane. Medidas de um outro olhar... Sobre a materialidade do espaço da creche e a constituição de um lugar dos bebês. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 22, n. 93, p. 1-15, set. 2014.

PANDINI-SIMIANO, Luciane. **Colecionando pequenos encantamentos**: A Documentação Pedagógica como uma narrativa peculiar para e com crianças pequenas. 2015. 162 f. Tese

(Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

PÉREZ, Carmem Lúcia Vidal. Cotidiano: história(s), memória e narrativa. Uma experiência de formação continuada de professoras alfabetizadoras. *In: GARCIA, Regina Leite (org.). Método: Pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro RJ: Lamparina, 2003. p. 97-118.

SANTOS, Elaine Maria da Silva dos. **Documentação pedagógica e formação inicial de professores: um olhar para as narrativas dos acadêmicos sobre o processo de documentação pedagógica na educação infantil**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2020. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/15214>. Acesso em: 12 jun. 2022.

SANTIAGO, Flavio. Pedagogia intercultural: discussões teóricas e metodológicas presentes na Itália. **Zero-a-seis Revista eletrônica**, Florianópolis, v. 23, n 43, p. 1000-1007, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/70841>. Acesso em: 23 maio 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Uma concepção multicultural de direitos humanos. **Lua Nova**, n. 39, p. 105-124, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/gVYtTs3QQ33f63sjRR8ZDgp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jul. 2022.

SANTOS, Marlene Oliveira dos. A escuta de docentes em pesquisas de Educação Infantil. **Revista Diálogo Educacional**, [S.l.], v. 23, n.76, 2023. DOI: 10.7213/1981-416X.23.076.DS15. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/29784>. Acesso em: 2 nov. 2023.

SERAFIM, Joyce Gabriely Nunes. **Documentação pedagógica: novos olhares para a prática pedagógica em um percurso de formação continuada com professoras da Educação Infantil**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2020. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/10008>. Acesso em: 12 jun. 2022.

SILVA, Clara Maria. Crianças com background migratório nos serviços educativos para a primeira infância na Itália. Tradução Ana Maria Orlandina Tancredi Carvalho. **Zero-a-seis Revista eletrônica**, Florianópolis, v. 23, n 43, p. 543-561, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/73636>. Acesso em: 22 jul. 2022.

VITORETI, Jéssica Beluco; PANDINI-SIMIANO, Luciane. Habitar a linguagem no espaço da creche: um olhar para as documentações pedagógicas a partir das experiências do estágio supervisionado em Educação Infantil no curso de Pedagogia. **Revista Didática Sistêmica**, [S.l.], v. 23, n. 1, p. 271-286, 2022. doi: 10.14295/rds.v23i1.11849. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/11849>. Acesso em: 1 set. 2023.

WALSH, Catherine; OLIVEIRA, Luiz Fernandes; CANDAU, Vera Maria. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. **Arquivos Analíticos de Políticas educativas**, v. 26, n. 83, 2018. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/3874/2102>. Acesso em: 11 set. 2023.

## APÊNDICE

## APÊNDICE A – Termo de consentimento de participação



### TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Prezada Professora,

Solicitamos, por meio deste, sua colaboração na pesquisa intitulada: **“Documentação pedagógica e educação intercultural: desafios e possibilidades no contexto da Educação Infantil”**, que tem por objetivo tematizar a documentação pedagógica e a educação intercultural na primeira infância, a partir de uma experiência formativa com professoras na Educação Infantil.

O presente estudo será realizado de 08/09/2022 a 30/11/2022, no Centro de Educação Infantil Cantinho da Alegria. Para a realização da pesquisa será proposto construir uma documentação pedagógica do/no contexto da Educação Infantil, que será produzida pelas professoras e acompanhada pela pesquisadora ao longo da pesquisa. Para tanto, serão realizados oito encontros – seis presenciais e dois virtuais - que acontecerão quinzenalmente e serão registrados por áudio, registro escrito e fotográfico. **Você poderá desistir de sua participação na pesquisa a qualquer momento que achar necessário sem sofrer qualquer prejuízo ou constrangimento.** Destacamos que a participação neste estudo não trará nenhum benefício em dinheiro aos que autorizarem sua participação.

Destacamos também que o estudo não causará riscos para o participante. Ao final da pesquisa, a pesquisadora se coloca à disposição da instituição para socializar os resultados obtidos na pesquisa, através de e-mail ou telefone abaixo.

Afirmo desde já que todas as informações relacionadas à pesquisa terão a confidencialidade de seu nome. Os resultados deste estudo poderão ser publicados e/ou apresentados nos meios científicos, acadêmicos e de pesquisa. Se houver qualquer dúvida, contactar com Jéssica Beluco Vitoreti pelo telefone (48) 99996-3800 ou e-mail [jessicavitoreti@hotmail.com](mailto:jessicavitoreti@hotmail.com).

Desde já, agradeço!

**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa **“Documentação pedagógica e educação intercultural: desafios e possibilidades no contexto da Educação Infantil”** e que recebi, de forma clara e objetiva, todas as explicações pertinentes ao projeto. Eu compreendo que neste estudo os procedimentos serão realizados com minha colaboração. Declaro que fui informado que a participação no estudo é voluntária, que posso desistir da participação na pesquisa quando achar necessário, sem sofrer qualquer tipo de prejuízo ou constrangimento.

Nome por extenso: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

**ANEXOS**

## ANEXO A - Convite



Professora,  
tenho um convite especial  
para você...

Me chamo Jéssica, sou mestranda em Educação e atuo na Educação Infantil da rede municipal de Tubarão. Estou desenvolvendo uma pesquisa intitulada "Documentação pedagógica e educação intercultural: desafios e possibilidades no contexto da Educação Infantil". Nesse sentido, gostaria de convidar você para que possamos pensar melhor sobre essa questão.

O encontro será realizado dia 08/09, no C.E.I. Cantinho da Alegria, 18h30min.

Posso contar com a sua presença?

Com carinho, Jéssica.

## ANEXO B – Carta às professoras

### *Carta às professoras*

Documentar é narrar experiências, narrativas do vivido com as crianças.

No percurso da pesquisa fomos em busca dessas experiências e, no caminho, encontramos uns aos outros.

Criamos laços.

Compartilhamos histórias, músicas, imagens, poesias, materialidades, vozes, escutas, traços, escritas, corpos em movimento, expressões, sentimentos, emoções...

Um percurso que possibilitou reviver o humano, inventar, devanear, criar e ousar dizer.

Conhecer e deixar-se (re)conhecer como autor, narrador.

Isso foi o que ficou para nós (Jéssica, Joyce, Luciane, Victória).

**E para você, o que ficou? Como foi essa experiência, dos encontros, do ensaio da palavra?**

Deixe aqui suas impressões, suas imagens, sua palavra, seu dizer sobre o vivido...

**Fale sobre:**

- 1. Sua participação nos encontros**
- 2. A dinâmica dos encontros**
- 3. A temática da documentação pedagógica (o delicado processo de olhar, registrar, interpretar e narrar)**
- 4. Os desafios encontrados nesse processo**
- 5. Contribuição para sua prática com as crianças e para sua formação**
- 6. As experiências enfim!**

Resgate da sua palavra...

Deixe uma narrativa...